



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

**UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPAC
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA/LÍNGUA INGLESA**

DJENIFER FREITAS

**DESCOBRINDO A FELICIDADE: O ENCONTRO DOS LIVROS “FELICIDADE:
MODOS DE USAR” E “ANTES QUE O CAFÉ ESFRIE”**

LAGES – SC

2024

DJENIFER FREITAS

**DESCOBRINDO A FELICIDADE: O ENCONTRO DOS LIVROS “FELICIDADE:
MODOS DE USAR” E “ANTES QUE O CAFÉ ESFRIE”**

Monografia apresentada à Universidade do
Planalto Catarinense – Uniplac, como parte dos
requisitos para a conclusão do Curso de
Graduação de Licenciatura em Letras – Língua
Portuguesa/Língua Inglesa.

Orientador(a): Prof. Me. a. Kátia M. Ferreira
Pessoa

LAGES – SC

2024

DJENIFER FREITAS

**DESCOBRINDO A FELICIDADE: O ENCONTRO DOS LIVROS “FELICIDADE:
MODOS DE USAR” E “ANTES QUE O CAFÉ ESFRIE”**

Monografia apresentada à Universidade do Planalto Catarinense - Uniplac, como parte dos requisitos para a conclusão do Curso de Graduação de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa/Língua Inglesa.

() Aprovado () Reprovado Nota: _____

Lages, _____ de _____ de 2024.

Banca examinadora:

Orientador(a) Prof. Me. Kátia M. Ferreira Pessoa

Prof. Me. Maria Cândida M. Pereira

Prof. Me. Rodrigo Ogliari Coelho

DEDICATÓRIA

Para Joelma e meus avós, que me ofereceram todo o amor do mundo e eu o guardo em meu coração, junto com nossas lembranças. Para Luciano, você é a luz que ilumina os nossos dias e a alegria que enche meu coração. Que você continue crescendo com a mesma bondade e coragem que sempre demonstrou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o trabalho dos meus professores e a parceria de meus colegas. E os meus irmãos, que me apoiam e disponibilizam suporte mesmo nos dias mais chuvosos. Sou imensamente grata por cada momento que compartilhamos, pelas risadas, apoio e companheirismo. Vocês tornam a vida mais especial e cheia de significado. Obrigada por estarem sempre ao meu lado. Agradeço à pequena Djenifer Freitas, de quinze anos. Uma adolescente assustada e receosa, que sequer conseguia sentir a brisa do futuro tocar em seu rosto. Agradeço aos meus pais, pela dedicação e amor disponibilizado para mim. Agradeço, principalmente, a minha mãe, por sempre acreditar em mim e em meu potencial, pelos seus sacrifícios e por me moldar como a mulher que sou hoje. Sem o seu esforço jamais chegaria onde estou. Por sua força fui capaz de chegar onde estou e sou capaz de produzir este trabalho.

“ Você pode dar um suspiro profundo e gritar que é como um poema. Porque você não é diferente de ninguém. Por que escolheu esta estrada dolorosa e solitária? Nunca esqueça o motivo, mesmo que o tempo passe. Que os sonhos de vocês não fiquem apenas no plano dos sonhos.”

Min Yoongi

RESUMO

No início da pesquisa, é explorada a concepção de felicidade e sua representação na literatura contemporânea, especialmente no livro "Antes Que O Café Esfrie". O estudo compara as perspectivas filosóficas sobre a felicidade com as experiências dos personagens dessa obra específica. Para embasar essa análise, utiliza-se o livro "Felicidade: Modos de Usar" , dos autores Leandro Karnal, Luiz Felipe Pondé e Mario Sergio Cortella, como principal referência teórica. A monografia não se limita apenas à análise literária, mas também investiga a história da felicidade ao longo das civilizações antigas até os dias atuais, destacando como diferentes culturas e períodos históricos interpretaram e buscaram este estado emocional. Além disso, explora-se a influência da filosofia na compreensão contemporânea da felicidade, mencionando pensadores clássicos como Aristóteles e suas reflexões sobre a eudaimonia, o florescimento humano. A monografia posiciona a felicidade como tema central no contexto da obra literária "Antes Que O Café Esfrie", examinando-a sob a luz das correntes filosóficas e literárias contemporâneas. A introdução do trabalho contextualiza a busca pela felicidade tanto em obras filosóficas quanto literárias, com o objetivo específico de comparar as ideias filosóficas sobre felicidade com sua representação na literatura moderna. O primeiro capítulo detalha a evolução histórica do conceito de felicidade e as principais correntes de pensamento filosófico a seu respeito. O texto aborda as visões de Platão, Sócrates, Aristóteles e Confúcio sobre a felicidade, utilizando como base o livro "História da Felicidade" de Peter N. Stearns. O segundo capítulo concentra-se no autor e na obra "Antes Que O Café Esfrie", examinando o contexto literário e as motivações que permeiam a narrativa. O terceiro capítulo aprofunda-se na análise da relação entre os temas abordados no livro e o conceito contemporâneo de felicidade, explorando como a narrativa literária pode influenciar e ampliar nossa compreensão sobre este estado emocional complexo. Em suma, a monografia não apenas oferece uma análise crítica e profunda sobre a concepção de felicidade na literatura contemporânea, mas também enriquece o debate ao contextualizar essas reflexões no âmbito filosófico e histórico mais amplo.

Palavras-chave: Felicidade. Tempo. Filosofia. Café. Literatura contemporânea. Karnal. Pondé. Cortella. Stearns. Correntes filosóficas. Antes que o Café Esfrie. Felicidade: Modos de Usar. Análise Literária. Conceito.

ABSTRACT

DISCOVERING HAPPINESS: THE MEETING OF THE BOOKS "FELICIDADE: MODOS DE USAR" AND "BEFORE THE COFFEE GETS COLD"

At the beginning of the research, the conception of happiness and its representation in contemporary literature, especially in the book "Before the Coffee Gets Cold" is explored. The study compares philosophical perspectives on happiness with the experiences of the characters in this specific work. To support this analysis, the book "Felicidade: Modos de Usar" is used as the main theoretical reference. The monograph is not limited to literary analysis but also investigates the history of happiness from ancient civilizations to the present day, highlighting how different cultures and historical periods have interpreted and sought this emotional state. Furthermore, it explores the influence of philosophy on contemporary understanding of happiness, mentioning classical thinkers like Aristotle and his reflections on eudaimonia, human flourishing. The monograph positions happiness as a central theme in the context of the literary work "Before the Coffee Gets Cold" examining it in light of contemporary philosophical and literary currents. The introduction of the work contextualizes the pursuit of happiness in both philosophical and literary works, with the specific objective of comparing philosophical ideas about happiness with their representation in modern literature. The first chapter details the historical evolution of the concept of happiness and the main currents of philosophical thought regarding it. The second chapter focuses on the author and the work "Before the Coffee Gets Cold" examining the literary context and the motivations that permeate the narrative. The third chapter delves into the analysis of the relationship between the themes addressed in the book and the contemporary concept of happiness, exploring how literary narrative can influence and broaden our understanding of this complex emotional state. In summary, the monograph not only offers a critical and profound analysis of the conception of happiness in contemporary literature but also enriches the debate by contextualizing these reflections within a broader philosophical and historical framework.

Keywords: Happiness. Time. Philosophy. Coffee. Contemporary literature. Karnal. Pondé. Cortella. Stearns. Philosophical currents. Before the Coffee Gets Cold. Happiness: Ways of Using. Literary analysis. Concept.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
O QUE É A FELICIDADE?	15
1.1 A HISTÓRIA DA FELICIDADE.....	15
1.2 FILOSOFIA E A FELICIDADE.....	23
1.3 FELICIDADE: MODOS DE USAR.....	26
ANTES QUE O CAFÉ ESFRIE	29
2.1 FATOS SOBRE O AUTOR.....	29
2.2 UM BREVE APANHADO DO LIVRO “ANTES QUE O CAFÉ ESFRIE”.....	30
ANÁLISE SOBRE O LIVRO ANTES QUE O CAFÉ ESFRIE	39
3.1. SIGNIFICADOS OCULTOS NO LIVRO “ANTES QUE O CAFÉ ESFRIE”.....	39
3.2 REVISITANDO A TEORIA ATRAVÉS DA PRÁTICA: O ENCONTRO DOS LIVROS “FELICIDADE: MODOS DE USAR” E “ANTES QUE O CAFÉ ESFRIE”...	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50

INTRODUÇÃO

A busca pela felicidade é um tema central em muitas obras, tanto filosóficas quanto literárias. Ao comparar citações de grandes pensadores com as ações e desafios enfrentados por personagens em livros contemporâneos, é possível traçar paralelos intrigantes e chegar a conclusões reveladoras sobre o parecer filosófico.

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho é analisar os pensamentos filosóficos da busca pela felicidade e a ação de personagens da obra “Antes que o café esfrie” (2022) escrito por Toshikazu Kawaguchi, utilizando como base os pensamentos no livro “Felicidade: Modos de Usar” (2019) escrito por Leandro Karnal, Luiz Felipe Pondé e Mario Sergio Cortella, que procuram pelo sentimento, mas que, muitas vezes, são frustrados pela realidade.

Durante minha jornada acadêmica, mergulhei em diversos desafios, mas um tema recorrente em meu dia a dia foi a busca pela felicidade. Ao analisar pensamentos de filósofos e obras literárias contemporâneas, percebi uma intersecção fascinante entre a teoria e a prática, entre as reflexões abstratas e as experiências concretas dos personagens.

Este trabalho de Monografia tem como objetivos específicos:

- Comparar as ideias presentes nas obras “Antes que o café esfrie” e “Felicidade: modos de usar” .;
- Contemplar os ideais filosóficos na literatura contemporânea;
- Compreender a representação da felicidade na literatura.

A busca pela felicidade é um tópico recorrente em meu dia a dia. Ler alguns livros e conseguir enxergar o esforço de alguns personagens é algo que serve como representação e validação dos sentimentos do público em geral.

Ao analisar a obra "Antes que o café esfrie", é possível se deparar com um exemplo vívido dessa busca incessante pela felicidade. As personagens anseiam por ela, mas muitas vezes se veem frustradas pela dura realidade que enfrentam. Comparando as conclusões da história com os pensamentos filosóficos, é possível vislumbrar um choque de ideias, uma dissonância entre o idealizado e o vivenciado.

A representação de sentimentos na literatura cumpre um papel essencial, criando uma ligação profunda entre o público alvo e as histórias. As personagens experienciando sentimentos como tristeza e felicidade criam humanidade e muitas

vezes são vistas como espelho social. Muitos leitores se identificam com o roteiro, facilitando o entendimento da complexidade humana. Virando ferramenta de exploração e expressão popular.

A literatura pode ser considerada um documento histórico, passível de interpretação e análise. O modo como a contemporaneidade trata o tema é o espelho da sociedade atual. Ao explorar as diferentes faces da felicidade em diferentes gêneros textuais, a literatura abre caminhos para pesquisas sociais, por oferecer espelhos para valores sociais e individuais. Examinar personagens que procuram a felicidade, confrontam desafios e conquistas, fornece uma base para compreender as complexas dinâmicas que moldam o bem-estar humano.

No começo do trabalho, no primeiro capítulo, o sentimento é abordado desde seu surgimento, para melhor entendimento sobre a análise. A felicidade, um estado emocional cobiçado por muitos, é explorada neste capítulo através de uma jornada histórica e filosófica. A investigação será feita a partir de diferentes culturas e pensadores que ao longo dos séculos têm entendido e buscado esse sentimento elusivo. Desde as reflexões de antigos filósofos gregos até as perspectivas contemporâneas, mergulhamos nas diversas interpretações e práticas que cercam a busca pela felicidade. Este capítulo visa desvendar as camadas complexas que compõem a felicidade e como ela se manifesta na experiência humana.

No segundo capítulo o mergulho na história por trás da análise é essencial para melhor conhecimento sobre o trabalho. O livro "Antes que O Café Esfrie" (2022) escrito por Toshikazu Kawaguchi, possui diversos detalhes e sentidos. A apresentação do escritor e da obra são essenciais para o bom desenvolvimento e análise da história.

Já o terceiro capítulo discute as nuances e interpretações múltiplas presentes no livro, destacando a importância do nome da cafeteria e a simbologia da cadeira como elementos centrais na narrativa. Aborda as regras da viagem no tempo no café e como elas refletem a necessidade de aceitar o passado e aprender com ele, em vez de tentar alterá-lo. Examina como os personagens lidam com suas limitações e desejos, e a efemeridade dos momentos felizes, sugerindo que a verdadeira felicidade reside nas conexões e no amor. Compara os conceitos de felicidade entre "Antes que o Café Esfrie" e "Felicidade: Modos de Usar", mostrando como a busca pela felicidade é uma constante tanto na ficção quanto na filosofia. Este capítulo ilumina as interseções entre a ficção e a realidade humana,

revelando como as lições do livro podem lançar uma nova luz sobre a busca universal pela felicidade.

As nuances do sentimento de felicidade são habilmente exploradas e representadas nas obras literárias, oferecendo um panorama rico e multifacetado. Ao comparar essas representações com os pensamentos filosóficos, destacam-se diferenças e variações que enriquecem nossa compreensão da complexidade humana.

A busca pela felicidade é um tema recorrente na literatura, refletindo as inquietações e aspirações humanas ao longo dos tempos. Neste trabalho, mergulhamos nas páginas do livro “Antes Que O Café Esfrie” (2022) de Toshikazu Kawaguchi, para explorar as diferentes perspectivas da felicidade. Através de uma análise comparativa com os pensamentos filosóficos contidos no livro “Felicidade: Modos de Usar” (2019), de Leandro Karnal, Luiz Felipe Pondé e Mário Sérgio Cortella, buscamos compreender como a felicidade é representada e vivenciada pelos personagens da obra. Este estudo não apenas ilumina as interseções entre a narrativa fictícia e a realidade humana, mas também convida à reflexão sobre nossas próprias jornadas em busca desse elusivo estado de bem-estar. Ao examinar as nuances da felicidade e sua manifestação na literatura contemporânea, este trabalho visa enriquecer nossa compreensão da complexidade humana e dos valores sociais e individuais que permeiam nossa busca pelo contentamento.

Assim, a análise tem como objetivo principal mostrar a felicidade no livro “Antes que o café esfrie” utilizando como base, o livro “Felicidade: Modos de Usar” que não oferece apenas “*insights*” sobre a condição humana, mas também convida a refletir sobre jornadas próprias em busca desse elusivo estado de bem-estar.

O QUE É A FELICIDADE?

Segundo a Enciclopédia Britannica (2019), a felicidade é um estado emocional de bem estar, onde pessoas a experienciam por meio de momentos específicos. Este conceito pode ser levemente variado, mas a maioria das pessoas ao redor do globo têm o conceito parecido sobre a felicidade.

O primeiro capítulo apresenta, inicialmente, a história da felicidade, onde livros como “História da Felicidade” (2022) de Peter N. Stearns e “A Felicidade Humana” de Julián Marías, foram utilizados como base. No segundo momento, alguns pensadores brasileiros serão apresentados e suas obras expostas, como a obra “Felicidade: modos de usar” (2019) de Leandro Karnal, Luiz Felipe Pondé e Mário Sérgio Cortella.

1.1 A HISTÓRIA DA FELICIDADE

Desde os primórdios da humanidade, o conceito de felicidade tem sido uma variável. Segundo Peter N. Stearns (2022), a história da felicidade é um aglomerado de ideias, crenças e reflexões que permite a compreensão da complexidade de estados emocionais e sentimentos variados.

Pensadores contemporâneos, como Kunal Kashyap (2022) e George Minois (2009), acreditam que a primeira civilização do mundo a discutir sobre a felicidade ocorreu na Grécia Antiga, onde o jardim de grandes filósofos foi semeado. Nomes como Aristóteles, Platão e Sócrates, ponderavam sobre a eudaimonia, ou sobre a makaria, por exemplo.

Em seu livro “Ética a Nicômaco” (1987) o filósofo grego Aristóteles discorre sobre a felicidade em diversos momentos. Mesmo falando sobre ética, justiça e valores, o sentimento era considerado “o bem soberano é a felicidade, para onde todas as coisas tendem” e ainda cita: “é em busca da felicidade que se justifica a boa ação humana”.

Aristóteles cita direta e indiretamente a palavra “eudaimonia” em diversos livros e escritos, que segundo Kunal (2022), significa: “A Eudaimonia não se

preocupa com a felicidade momentânea causada por um determinado evento. Implica que a pessoa é admirável e vive a vida no seu melhor”. A tradução para o termo “felicidade” existe para simplificar e atualizar o significado.

Minois, em sua pesquisa para o livro “A Idade de Ouro: História da Busca da Felicidade”, explica sobre a influência de um poema épico de Hesíodo, falando sobre a idade do ouro, na cultura ocidental. Nesta época todos viviam felizes como os deuses, mas ao ver a felicidade dos seres, o ciúme os tomou conta, transformando e armando contra os vivos. A idade do ouro foi substituída pela idade de bronze, onde a raça de bronze, a mais infeliz das raças, andava pelo chão do planeta. A raça de bronze era considerada por muitos a raça humana, por isso para a sociedade grega a humanidade não conseguiria alcançar a felicidade, que era destinada apenas a idades supremas.

Segundo o livro “História da felicidade” escrito por Peter Stearns, já em outras épocas, nas sociedades agrícolas este conceito surgiu como base e existia a muitos anos quando teve seu ápice. A agricultura surgiu de, pelo menos, três maneiras separadamente (na região do mar Negro, sul da China, América Central), e, a partir desdes o sistema agrícola se estendeu. Segundo Peter N. Stearns (2022), a transição da caça pela agricultura trouxe diversos desafios, sendo estes de saúde, nutricionais e, com o aumento populacional, a desigualdade. Quando os humanos deixaram a vida nômade, existia uma pequena parcela da população possuindo saúde plena e qualidade de vida. A busca pela felicidade era um trabalho árduo e, muitas vezes, era deixado de lado pela necessidade de se manter.

A desigualdade social se tornou tão evidente que logo a felicidade se tornou um luxo. Quem tinha tempo livre, tinha mais espaço para encontrar o que almejava. Mesmo com a criação popular de feriados e finais de semana, alguns sentimentos e sensações pareciam ser inalcançáveis, abrindo espaço para perguntas sobre motivos e razões. As comunidades conseguiam notar que mesmo tendo um dia ou dois de descanso, algo que poderia variar, tinham mais tempo para ir a cultos ou relaxar, ainda eram dias muito artificiais. Muitos atribuíram a ausência de tal sentimento à complexidade dos tempos, acreditando na felicidade numa antiga vida simples. Peter (2022) registra:

Embora não tenhamos evidências diretas de nenhum dos locais para provar a afirmação de que as pessoas da época da introdução da agricultura eram menos felizes do que as da economia mais simples de caça e coleta, as probabilidades são claras. No mínimo, parece seguro afirmar que a felicidade se tornou cada vez mais problemática, o que é uma das razões pelas quais tantos dos primeiros intelectuais e figuras religiosas passaram a acreditar que precisavam abordar o assunto de forma direta.

Logo pessoas consideradas como superiores, por terem mais dinheiro ou mais terras começaram a ser “sortudas”. Peter (2022) cita: “A ideia de que os aristocratas eram melhores do que as outras pessoas e mereciam sua prosperidade relativa poderia ser amplamente bem aceita [...]”. A mitigação foi, de fato, uma tentativa de tornar a experiência de felicidade uma característica para poucos.

Durante o período final das economias agrícolas muitos conceitos e pensamentos foram perdidos com o tempo. Talvez pela falta de arquivos, ou pelo tempo de existência. Logo, afirmar algo sobre a época é improvável. Muitos pesquisadores têm pressuposições e teorias sobre a felicidade referente a época. O pesquisador Peter N. Stearns (2022) cita:

Não há registro relevante sobre felicidade nos vários séculos após as primeiras economias agrícolas tomarem forma. Podemos fazer suposições, conforme discutido no capítulo anterior, mas não mais do que isso. Sabemos que a produção de grãos era razoavelmente alta nos primeiros séculos da agricultura, pelo menos no norte do Oriente Médio, o que pode ter gerado alguma satisfação, junto com um índice de natalidade mais elevado. [...] Mas tudo isso é disperso e vago em termos de níveis de felicidade ou dos critérios envolvidos.

As primeiras civilizações começam a surgir próximas a rios, como o Nilo, que fica na África, e o Tigres e Eufrates, que banham por países como a Turquia, Síria e Iraque. Segundo o pesquisador Jaime Pinsky (1987), os primeiros indícios de civilizações formando cidades foram na Mesopotâmia e Egito, que eram banhados por rios e poderiam usufruir de suas águas para o cultivo agrícola. Ele ainda cita: “ Não há consciência individual ou de grupo que tenha levado pessoas a plantar os alicerces de agrupamentos urbanos no Egito ou na Mesopotâmia”. Com as terras extremamente férteis e proveitosas o serviço da procura incessante por lugares de cultivo desaparece, mas a lavoura aumenta periodicamente. A invenção de trabalhos mais sistemáticos surge na necessidade de construir diques e cavar valetas para o escoamento de água para toda a plantação. Regras sociais para a

utilização das águas também foram elaboradas, para que ninguém fosse beneficiado. Para a disposição funcionar havia a exigência de trabalho e organização social. Logo pequenas aldeias se transformaram em cidades superpovoadas.

Para Jaime (1987), uma civilização precisa de uma estrutura política com regras e leis estabelecidas por governantes, projetos que requer trabalho conjunto e condução centralizada, a criação de uma instituição em prol da sustentação do poder, a incorporação de crenças por alguma uma religião ligada ao poder central, uma produção artística que sobreviva ao tempo, criação ou apropriação de um sistema de escrita e, finalmente, a criação de cidades. Segundo o autor: “De falo, sem cidades não há civilização”.

Segundo Peter N. Stearns (2022) com o início de civilizações as evidências sobre as culturas de sociedades, começam a surgir em abundância. Com a iniciação da formação social a arte e a escrita começam a ser arquivadas com mais solidez pelos governantes. Existem indícios sólidos do antigo Egito e da Mesopotâmia. Ambas as civilizações tinham seus inconvenientes, porém conseguiam fornecer prazeres para os civis, apesar de não serem os mesmos prazeres para todas as camadas.

As condições do antigo Egito, mostram que as circunstâncias da sociedade davam mais cenários para as pessoas se sentirem felizes. Stearns (2022) aponta que a sociedade egípcia oferecia vários benefícios, como períodos de tranquilidade abundante, pois a região não era invadida com frequência e não tentava novas conquistas. Além disso, o Nilo era uma fonte de irrigação. E, mesmo que existisse uma certa desigualdade, como o de gênero, sua população escrava era limitada, e as mulheres geralmente eram tratadas consideravelmente melhor do que em diversas das civilizações da época. Ou seja, um lugar propício à experiência da felicidade. A cultura egípcia encorajava a gratidão aos deuses pelos mínimos detalhes do dia a dia. Logo os deuses eram responsáveis pela vida de familiares e filhos, saúde e sustento. Stearns (2022) ainda cita: “Um governante egípcio resumiu essa ideia de felicidade ao citar “vida, prosperidade e saúde” depois de assinar seu nome em documentos oficiais”.

Segundo Peter N. Stearns (2022) na Mesopotâmia, a cultura local era diferente. Os deuses mesopotâmicos eram zangados e conduziam medo e obediência. A religião lhes dizia que serviços e sacrifícios eram necessários para a

produção de experiências positivas e colheitas fartas. Segundo Peter Stearns (2022), a cultura religiosa inspirava uma considerável sensação de melancolia e apreensão. E, em disparidade com os egípcios que acreditavam em vida plena após a morte, os mesopotâmicos acreditavam que, após a morte existia um período de trevas eternas. Havia algumas similaridades entre ambas as civilizações, como o desenvolvimento de diversos jogos e criação de variadas formas de diversão e entretenimento.

A chegada do mundo clássico (século VIII a.C) trouxe debates sobre a natureza da felicidade e foram assuntos centrais da época. Diversas sociedades começaram a tomar forma no Mediterrâneo oriental e na China, gerando registros de uma vida intelectual mais ativa. Na Índia, começaram a surgir sistemas filosóficos que se semearam em diversas regiões e deixaram um legado cultural. Sobre o conteúdo dos debates, Peter (2022) escreve:

É importante lembrar que essas mesmas sociedades clássicas foram as primeiras a elaborar quadros complexos de uma Era de Ouro anterior, já sugerindo que os níveis disponíveis de felicidade poderiam ter se deteriorado de alguma forma, por meio da insensatez humana. E essas mesmas sociedades tendiam a vincular a felicidade pessoal a um forte elemento de pura sorte, outra restrição interessante.

Com o início do mundo clássico, a estrutura social foi levemente modificada. A distância entre as classes sociais começou a crescer e tornou-se evidente. Logo, para que as limitações não fossem tão gritantes para a maioria da população, as camadas privilegiadas criaram algumas oportunidades diferenciadas de diversão. Stearns (2022) explica que mesmo com uma vida tranquila havia a busca pela riqueza maior, extravagância de vinho e de prazeres sexuais.

Os gregos inclusive tinham deuses que representavam essa busca e tiveram sucesso, esbanjando uma imagem de fartura e beleza, como Dionísio. Peter N. Stearns (2022) ainda explica:

Oportunidades desse tipo, tanto na vida real quanto na mitologia, sempre levantavam questões sobre sua relevância para a verdadeira felicidade, principalmente em sociedades nas quais as camadas privilegiadas também procuravam justificar sua existência exercendo liderança política construtiva

A sociedade grega foi pioneira na filosofia. O conhecimento intelectual era bem visto, e, com isso, pensamentos de filósofos também influenciavam o

inconsciente do público. Filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles, divulgavam seus pensamentos e escrita a todos que tivessem acesso. Aristóteles partiu dos pensamentos de seus antecessores, e definiu o tema: Felicidade, como objetivo filosófico central, onde analisava e diferenciava seu significado. Criando seu próprio legado, o aristotelismo se multiplicou e influenciou grandes pensamentos e impactos em diversos lugares no mundo, principalmente no Oriente Médio e na Europa.

Outro país em que a filosofia antiga gerou escolas de pensamento, foi a China. Peter N. Stearns (2022), ao comentar sobre a felicidade na filosofia chinesa afirma: “Havia pessimistas que afirmavam que os seres humanos são maus e têm que ser disciplinados por um Estado poderoso. A felicidade pode ser quase irrelevante dentro dessa visão, na qual o principal desafio era garantir algum tipo de ordem social”. Muito desse pensamento se deu pela religião formada na época, o taoísmo. A crença exigia uma vida simples, de temperança, humildade e harmonia com o universo. A doutrina, cultuada até hoje, foi uma das principais razões pela ideia formada sobre a felicidade na visão da sociedade chinesa e de outros países do leste da Ásia.

Diversas religiões surgiram em momentos e contextos diferentes. Em sua maioria, surgiram quando grandes reinados (reinos) estavam em decadência, e diversas desgraças acometiam a sociedade. Doenças e conflitos foram o estopim para a busca de esperança, o pensamento da felicidade disponível com o fim da vida era reconfortante. O sentimento reconfortante servia como uma motivação para a vida sofrida. Segundo Peter N. (2022): “As definições religiosas de felicidade não eram causadas por novos níveis de angústia, mas certamente respondiam a eles, em parte.”

A influência das ideias dos filósofos na história da felicidade abrange um amplo período, desde cerca de 600 a.C. até o declínio dos impérios clássicos (entre 450 a.C. e 200 a.C.). Ao explorar o papel das principais religiões na história da felicidade, é encontrado um período mais propagado. Duas religiões significativas, o hinduísmo e o budismo, surgiram na Índia por volta dos séculos V ou IV a.C. Após, o cristianismo e o islamismo emergiram nos séculos I e VII d.C., respectivamente. Em geral, entre os séculos III e XIV d.C., as religiões e sua expansão missionária exerceram forte influência em grande parte da Ásia, Europa e várias regiões da África.

Segundo Peter N. Stearns (2022) nos séculos XVII e XVIII, ocorreu uma revolução nas expectativas humanas em relação à felicidade na Europa Ocidental e em grande parte da América do Norte. Essa revolução alterou a forma como a felicidade era definida e como as pessoas passaram a rever suas próprias expectativas. Antes desse período, a felicidade era vista como uma questão de sorte, virtude ou favor divino. No entanto, durante os séculos XVII e XVIII, surgiu uma nova abordagem: a ideia de que a felicidade era um direito e uma habilidade que poderia ser desenvolvida. A Enciclopédia Francesa, considerada a Bíblia do Iluminismo europeu, declarou que todos têm o direito de serem felizes. Thomas Jefferson (1789) também afirmou que o direito de buscar a felicidade era evidente. Essa mudança de perspectiva foi libertadora, mas também trouxe desafios, pois a busca pela felicidade pode envolver luta, sacrifício e até dor. A Revolução Industrial também teve impacto nesse período, remodelando padrões de vida, canais de recreação e até a vida familiar. Vale ressaltar que essa “revolução da felicidade” era um fenômeno ocidental e seu impacto global foi limitado por muito tempo. Em seu livro, “A História da Felicidade”, Peter N. Stearns (2022) fala:

As discussões sobre como alcançar a felicidade se espalham entre intelectuais e círculos governantes em todo o continente. Na Polônia, a Universidade da Nobreza promoveu uma série de palestras sobre “A felicidade do homem aqui embaixo” e o governante da Rússia organizou uma celebração com a “deusa felicidade” e um enorme “Templo da Felicidade”. No final do século, o assunto havia se tornado lugar-comum, o que poderia dificultar o entendimento de até que ponto era uma manifestação verdadeiramente inédita de esperança e expectativa.

No século XVIII, um debate crucial surgiu sobre o papel da civilização na busca pela felicidade. Em seu livro, Peter N. (2022) explica, que enquanto os defensores do Iluminismo, predominantemente urbanos, valorizavam prazeres sofisticados como o aprendizado e a investigação racional, Jean-Jacques Rousseau e outros argumentavam que a verdadeira felicidade estava em prazeres simples e em uma vida mais “natural”. Isso resultou na proliferação de “jardins de lazer” e na popularização de uma vida mais simples, exemplificada pela reconstrução de chalés agrícolas. Apesar das críticas de Rousseau ao Iluminismo, ele enfatizou a importância da felicidade, um conceito central na época.

O Iluminismo desempenhou um papel fundamental na promoção da felicidade, disseminando ideias não apenas entre as elites, mas também em cafés

e outros espaços públicos. Peter (2022) fala que pensadores como Voltaire foram pioneiros em ganhar a vida vendendo livros diretamente ao público, sem depender de patrocínio aristocrático. A crescente tendência de celebrar o Ano Novo com votos de felicidade refletiu a influência dessas novas ideias, apontando para um progresso contínuo e uma expectativa de felicidade futura. Embora expressões como "feliz Ano-Novo" tenham se popularizado apenas no século XIX, o século XVIII estabeleceu hábitos e vocabulário que evoluíram com o tempo, refletindo uma revolução cultural na busca pela felicidade.

Segundo Peter N. Stearns (2022) sobre a revolução industrial, durante o século XIX, as ideias da revolução da felicidade do século anterior se materializaram em uma série de novas práticas e comportamentos, muitos dos quais se tornaram comuns no mundo ocidental. Embora o interesse político explícito pela felicidade tenha diminuído, ela continuou a moldar a cultura popular e as expectativas sociais.

A Revolução Industrial, que começou na Grã-Bretanha e se espalhou pela Europa Ocidental e Estados Unidos, trouxe mudanças significativas na sociedade. Enquanto a industrialização gerava novas necessidades e expressões culturais, também colocava a felicidade em questão devido às suas repercussões sociais. Embora as ideias ocidentais sobre felicidade já existissem, foi no século XIX que suas implicações para a sociedade industrial se tornaram evidentes. O desafio residia em como traduzir os princípios da felicidade em uma sociedade industrial emergente e lidar com as novas complicações que surgiam.

Ao longo do século XIX, a fusão entre o imperativo da felicidade e a sociedade industrial ocidental se tornou mais evidente, conforme a industrialização superava seus desafios iniciais. Essa fusão moldou as tendências sociais e culturais, criando um contexto complexo onde a busca pela felicidade coexistiam com as transformações da era industrial.

Sobre as mudanças globais, principalmente na Ásia, Peter N, Stearns (2022) fala:

As novas ideias ocidentais sobre a felicidade ainda não exerciam influência global clara, nem (com algumas exceções) provocavam qualquer reação explícita. As tradições religiosas regionais, ou, em partes do Leste da Ásia, o legado confucionista, tinham mais impacto na felicidade do que qualquer nova influência cultural. Ou seja, a continuidade era mais óbvia do que a mudança.

Embora o Ocidente tenha ganhado novo poder econômico e militar, não houve uma tentativa deliberada de exportar suas ideias sobre a felicidade para outras regiões. A expansão da influência cultural ocidental focava mais em mudar costumes locais e reformar sistemas educacionais do que promover um conceito específico de felicidade. A atividade missionária, apesar dos desafios religiosos no próprio Ocidente, foi um vetor significativo dessa expansão. A relação entre esses esforços e a felicidade era, no máximo, indireta.

Stearns (2022) escreve que durante o período Meiji no Japão, iniciado em 1868, as reformas foram implementadas com um forte foco no bem comum e na preservação da independência nacional em face da crescente pressão ocidental. Embora alguns líderes, influenciados pelo contato com o Ocidente, tenham abordado o tema da felicidade, a abordagem oficial enfatizava a lealdade ao grupo e ao sacrifício pessoal sobre o individualismo.

A industrialização e a urbanização trouxeram mudanças significativas na sociedade japonesa, incluindo o surgimento de interesses em atividades familiares e consumo, embora sob uma influência confucionista e nacionalista. Enquanto alguns adotavam ideias ocidentais de felicidade, como a valorização da vida familiar, as autoridades promoviam uma alternativa nacionalista baseada na devoção ao imperador e ao grupo. No entanto, essas mudanças não foram uniformes, e muitos japoneses continuaram a seguir tradições mais antigas, embora tenham ocorrido adaptações progressivas em relação ao papel da família e às práticas de entretenimento doméstico. A história da felicidade no Japão do período Meiji reflete uma série de respostas coletivas distintas, moldadas pela interação entre tradições locais e influências ocidentais, mas marcadas por consideráveis transformações em relação aos padrões tradicionais.

No período entre 1920 e 1945, o mundo enfrentou grandes desafios que moldaram a percepção da felicidade. A era foi marcada por turbulências econômicas e o medo iminente de conflitos globais. Durante esse tempo, novos movimentos artísticos emergiram, refletindo as complexidades da busca pela felicidade em meio a tempos incertos. Enquanto isso, governos comunistas tentavam estabelecer suas próprias definições de felicidade, muitas vezes em contraste com as noções ocidentais e religiosas. A globalização trouxe consigo uma comparação entre as diferentes sociedades contemporâneas e suas

concepções de felicidade. A influência ocidental, com sua própria evolução na compreensão da felicidade, começou a se espalhar pelo mundo.

Sobre a felicidade no Japão contemporâneo, Peter N. Stearns (2022) fala:

Ao tentar explicar a relação entre as abordagens japonesas da felicidade e os padrões dos Estados Unidos ou do Ocidente de forma mais geral, um antropólogo enfatizou a importância central do termo *ikigai*, que está relacionado à pergunta sobre o que faz com que a vida de alguém valha a pena ser vivida e que busca identificar o enfoque da vida que cria esse sentido. Os japoneses costumam discutir mais esse termo do que a felicidade propriamente dita, resultando em afirmações como “meu *ikigai* é a minha família” ou “o meu é o alpinismo”

O Japão manteve algumas estruturas da felicidade do pré-guerra, mesmo com a grande cratera social e perdas devastadoras, levando a uma queda nos níveis de felicidade no pós-guerra. A abordagem japonesa era menos individualista do que a ocidental, com um forte foco no nacionalismo. No entanto, a derrota na guerra forçou uma reavaliação dessas prioridades, especialmente diante da influência crescente dos Estados Unidos e do desenvolvimento econômico que promoveu o consumismo.

As mudanças pós-guerra no Japão incluíram um declínio no nacionalismo agressivo, embora o orgulho nacional ainda fosse evidente em eventos como competições esportivas internacionais. A religião também passou por transformações, com a queda do domínio do xintoísmo tradicional e uma diminuição na importância das práticas religiosas na vida diária.

Além disso, apesar do sucesso econômico e político do Japão nas últimas décadas, Peter N. Stearns (2022) fala que as pesquisas globais sobre a felicidade mostram que os japoneses tendem a pontuar abaixo do esperado. Esses resultados sugerem uma perspectiva distinta dos japoneses em relação à felicidade, destacando uma abordagem diferenciada em comparação com outras culturas.

Ao longo dos tempos, a concepção de felicidade tem se transformado significativamente e vagarosamente, manifestando-se de formas distintas em diversas culturas. O anseio pela felicidade pode ser uma constante humana, contudo, o significado atribuído a ela e as maneiras de alcançá-la são extremamente variados e estão intrinsecamente ligados a contextos históricos particulares. Nos dias de hoje, a felicidade resulta de uma combinação complexa de influências: as

tradições religiosas ancestrais, os ideais iluministas, as dinâmicas do capitalismo de mercado, o vasto universo do entretenimento contemporâneo e a orientação psicológica, somados a uma miríade de fatores pessoais, familiares e locais.

1.2 FILOSOFIA E A FELICIDADE

A Grécia antiga foi o berço de grandes pensadores, como Sócrates e Platão. O local também foi a gênese da Filosofia. Segundo Pedro Menezes (2024), explica em seu artigo: “ século VI a.C. Tales de Mileto é reconhecido como o primeiro filósofo, apesar disso, foi outro filósofo, Pitágoras, que cunhou o termo "filosofia", uma junção das palavras "philos" (amor) e "sophia" (conhecimento), que significa "amor ao conhecimento". Então desde seu nascimento a atividade é levada ao ato de pensar, diferenciar e compreender as vivências sociais, de modo científico e pensante, se livrando das amarras religiosas.

O advento da filosofia se deu pela necessidade de reconsiderar credences populares e pensar em possíveis explicações para fenômenos diários. Logo, os credos perderam lugar para a argumentação e discussão, criando pensamentos racionais.

Segundo Pedro Menezes (2024), os filósofos pré-socráticos, como são conhecidos os primeiros filósofos, surgiram no final do século VII a. C. e dedicavam seus pensamentos à natureza. Procurando sentidos lógicos em elementos do ecossistema, acreditando que a procura pelo arché (elemento primordial) seria essencial para descobrir a origem de tudo o que existe.

Nomes importantes, como o de Sócrates, começaram a surgir e espalhar seus pensamentos, segundo Peter N. Stearns (2022): “os filósofos gregos procuraram deixar claro que um foco predominante no material não poderia ser o cerne da felicidade humana. Um grau de conforto e sustento físicos, além de boa saúde, eram precondições importantes, mas a ênfase principal era outra”. Para tentar solucionar essa separação surgiram as primeiras teorias sobre a natureza e a conquista da felicidade.

Peter N. Stearns (2022) explica sobre algumas definições de felicidade para os filósofos gregos. Ele cita como Sócrates explicitou que a felicidade era um objetivo humano básico, algo que todos anseiam e buscam. O filósofo estabeleceu o pensamento que o prazer material ou sensual, por mais comum e procurado que fosse, não era a verdadeira felicidade. Para o grego o desejo deve ser reprimido quando em excesso e deve ser afastado da sensualidade natural, mesmo com a exigência de um grande condicionamento. A felicidade não estaria na riqueza, no extravasamento ou no poder, Sócrates acreditava que o sentimento se encontrava nos elementos da mente. A sabedoria seria o caminho para a felicidade verdadeira, sem interferência do mundo material.

Peter N. Stearns (2022) explica que Aristóteles, em sua obra *Ética a Nicômaco*, explorou o propósito maior da existência humana. Ele diferenciou a verdadeira felicidade dos prazeres fugazes que vêm de satisfações sensuais ou interações com amigos. Para Aristóteles, a felicidade é o culminar de uma vida dedicada a atingir todo o potencial como ser humano racional. Ele comparou isso à primavera, onde não é apenas um dia bonito que a faz, mas sim um período mais longo. Portanto, crianças não podem ser consideradas felizes, pois seu potencial ainda não foi totalmente realizado. Ainda sobre Aristóteles, Peter N. (2022) comenta:

Em sua definição de felicidade, Aristóteles enfatizava constantemente a distinção entre seres humanos e animais. Era por isso que ele via a busca do prazer como um objetivo trivial que não valia a pena, pois era comum aos animais e ao homem. A capacidade racional é o que constitui a essência humana, e aperfeiçoar essa capacidade é o cerne da felicidade. O objetivo não é negar os impulsos físicos, e sim canalizá-los de maneiras adequadas ao exercício da razão.

Ele diferenciou a verdadeira felicidade dos prazeres mundanos. Para Aristóteles, a felicidade é alcançar uma vida dedicada para atingir todo o potencial como ser humano racional e para isso é necessário desenvolver um bom caráter, a chamada “virtude completa”. Para o filósofo a amizade também faz parte da felicidade, mas deve estar envolta na virtude. Além disso, a reflexão racional e a curiosidade são essenciais para uma vida feliz. Aristóteles reconheceu a importância do acaso e da sorte, indo além do desejo de virtude e razão. No entanto, Aristóteles reconheceu que algumas condições, como recursos

econômicos e boa saúde, são necessárias para cultivar a virtude. Embora otimista, ele também admitiu que a felicidade poderia ser rara na sociedade.

Segundo Peter (2022), Platão afirmava que apenas algumas pessoas teriam a combinação de sabedoria, virtude, boa saúde e prosperidade necessária para alcançar a felicidade. Os escravos eram excluídos, considerados uma espécie inferior. A maioria das pessoas, segundo o filósofo, vivia no presente, entregando-se a prazeres carnis e a indolência. A esperança residia na aristocracia, que poderia encontrar a felicidade através de um propósito mais claro na vida

Ainda sobre os filósofos gregos, Peter N. Stearns (2022) comenta sobre a visão de outros filósofos:

Segundo Platão, foi o próprio Sócrates, em busca da sabedoria e da harmonia, que conseguiu viver “como um deus” e encontrar a verdadeira felicidade. Aristóteles, seguindo os passos de Sócrates e Platão, escreveu ainda mais sobre a felicidade, em uma obra que se revelaria bastante influente ao longo do tempo. Embora fosse um pouco mais tolerante para com os prazeres terrenos [...], Aristóteles também insistia em que a verdadeira felicidade só poderia ser encontrada nos atributos que distinguem os seres humanos de todas as outras criaturas: razão e virtude. A felicidade era, na verdade, nada mais do que uma “atividade da alma expressando virtude”

Já no leste asiático, o pensador Confúcio e seus discípulos tinham seus ideais semelhantes aos gregos para indicar a felicidade. O pensador era minucioso em observar o redor, para melhor entendimento dos outros. Ele acreditava que muitos tinham objetivos de vida fúteis e vazios, exibindo luxúria e as fantasiando no lugar da verdadeira felicidade. O pensador e seus seguidores acreditavam que a felicidade, quando bem concebida, poderia ser encontrada neste mundo e era uma meta válida e digna. Ao contrário dos gregos, os confucionistas enfatizavam a importância de conectar indivíduos e comunidades mais amplas, resultando em uma abordagem geral diferente. Ao falar sobre a filosofia chinesa, Peter N. Stearns (2022), afirma:

O próprio Confúcio apontava o profundo prazer disponível em ouvir música como um exemplo do tipo de harmonia que ele buscava. Quando se está envolvido com a música, os pés começam a se mover no ritmo, as mãos também se movem em resposta aos ritmos, e a pessoa é tomada por essa experiência mais ampla. Tanto a mente quanto o corpo são envolvidos. Um discípulo afirmou que Confúcio, certa vez, estava tão tomado pela

música que simplesmente se esqueceu das coisas mais mundanas: “ele não comeu carne por três meses”.

O próprio Confúcio apontava o profundo prazer disponível em ouvir música como um exemplo do tipo de harmonia que ele buscava. Para ele, a música representava um estado de equilíbrio e paz que envolvia tanto o corpo quanto a mente. Quando se está envolvido com a música, os pés começam a se mover no ritmo, as mãos acompanham os ritmos, e a pessoa é completamente absorvida por essa experiência abrangente. Confúcio acreditava que a música tinha o poder de harmonizar a alma e promover uma conexão profunda com o universo.

Um discípulo relatou que Confúcio, certa vez, foi tão profundamente tocado pela música que esqueceu completamente as necessidades mundanas, como a alimentação. Ele estava tão imerso na experiência musical que, por três meses, não comeu carne. Este episódio ilustra como a música era para Confúcio uma fonte de transformação e bem-estar, capaz de transcender as preocupações do dia a dia e de conectar o indivíduo a um estado superior de harmonia e contentamento.

1.3 FELICIDADE: MODOS DE USAR

O livro “ Felicidade: Modos de Usar” é a escrita de um debate entre três dos maiores pensadores contemporâneos brasileiros. Mario Sergio Cortella, Leandro Karnal e Luiz Felipe Pondé discutem sobre o conceito de felicidade, seu caminho e significação social. O debate de duas horas resultou em 68 páginas de conhecimento. Durante a leitura do texto é possível encontrar citações de outros pensadores.

Mario Sergio Cortella (2019) aborda a felicidade como uma experiência marcada por momentos de intensidade, ao invés de uma constante. Ele destaca que a verdadeira importância da felicidade se revela quando, mesmo diante de desafios, podemos afirmar que a vida teve significado.

Para Cortella (2019), a felicidade não é um destino fixo, mas sim um horizonte em constante evolução, um desejo contínuo renovado a cada realização. Ele enfatiza a importância da autenticidade na busca pela felicidade, viver de

acordo com nossos valores, mesmo que isso gere conflitos. Além disso, Cortella (2019) reflete sobre o papel da memória na percepção da felicidade, sugerindo que as lembranças podem adquirir uma luminosidade mais intensa do que os próprios momentos vividos.

Já Pondé (2019), argumenta que a busca pela felicidade está intrinsecamente ligada à busca por autenticidade. No entanto, ele desafia essa ideia, afirmando que a autenticidade nem sempre leva à felicidade. Às vezes, ser autêntico pode ser doloroso, pois exige que enfrentemos nossas próprias limitações e vulnerabilidades. A autenticidade também pode nos afastar de normas sociais e expectativas, o que pode gerar conflitos e isolamento.

Outro ponto importante levantado por Pondé (2019) é a consciência da fragilidade humana. Ele acredita que reconhecer nossa própria fragilidade nos torna mais empáticos e compreensivos em relação aos outros. Afinal, todos enfrentamos desafios e dificuldades, e essa compreensão mútua é essencial para a construção de relacionamentos significativos.

O filósofo destaca que a felicidade não é um estado permanente. Ela é efêmera e muitas vezes está ligada a momentos específicos de realização, prazer ou satisfação. Ele argumenta que a busca incessante pela felicidade pode ser cansativa e frustrante, pois nunca alcançamos uma satisfação completa. Em vez disso, ele sugere que devemos encontrar sentido na vida e nas relações interpessoais, mesmo que isso signifique enfrentar momentos de desconforto e insatisfação.

Na filosofia de Leandro Karnal (2019), a felicidade é vista de forma distinta da abordagem convencional que a coloca como o objetivo supremo da existência. Karnal (2019) sugere que a felicidade não deve ser perseguida como um fim em si mesma, mas sim como uma consequência natural de certas atitudes e perspectivas em relação à vida.

Para o filósofo, a felicidade não é um estado permanente, mas sim uma ocorrência eventual, uma efêmera visita que chega sem aviso prévio e parte da mesma forma. Ele convida o leitor a refletir sobre a obsessão moderna pela busca incessante da felicidade, questionando se esse incessante desejo por um estado de perfeição e satisfação constante não nos distancia da própria felicidade que almejamos. Em vez de se concentrar exclusivamente na busca da felicidade como um objetivo final e absoluto, Karnal (2019) encoraja a adoção de uma postura mais

equilibrada em relação à vida. Ele enfatiza a importância de reconhecer nossas próprias imperfeições e fragilidades, destacando que a aceitação de nossos limites humanos nos torna mais autênticos e nos permite encontrar contentamento mesmo nas pequenas alegrias do cotidiano.

Ele nos lembra que a verdadeira felicidade reside nas conexões profundas com outras pessoas, nos momentos compartilhados com amigos e familiares, e nas experiências que nos enriquecem emocionalmente e espiritualmente.

Ao refletir sobre a natureza da felicidade, Karnal (2019) também pondera sobre a singularidade dos momentos felizes. Inspirado pela célebre frase de Tolstói, ele lembra que cada momento de felicidade é único e irrepetível, não podendo ser generalizado ou replicado.

ANTES QUE O CAFÉ ESFRIE

A trilogia “Antes que o café esfrie” teve sua estreia em 2015. O autor Toshikazu Kawaguchi escreveu o livro direcionado para peça de teatro, porém a repercussão foi grande. Logo o autor transformou a peça em romance, criando um best-seller.

2.1 FATOS SOBRE O AUTOR

Em seu livro, Toshikazu Kawaguchi se apresenta como um autor japonês, nascido em Osaka, no Japão, no dia 3 de abril de 1971 (53 anos de idade). Ele é produtor e diretor do grupo de teatro Sonic Snail, para o qual também escreveu diversas obras. Como dramaturgo, destacam-se suas peças COUPLE, Sunset Song e Family Time. A série “Antes que o Café Esfrie” tornou-se um best-seller internacional e foi adaptada para o cinema no Japão em 2018.

Toshikazu Kawaguchi destaca-se no cenário literário por suas narrativas que mergulham em temáticas como o tempo, a memória e as emoções. Com um estilo cativante e a capacidade de entrelaçar o mágico com o existencial, ele conquistou leitores globalmente.

Conhecido principalmente por "Before the Coffee Gets Cold", Kawaguchi pode ter outras obras em seu repertório. Em janeiro de 2022, esse romance é sua obra mais notória. Traduzido em várias línguas, o livro permite que um público diversificado se deleite com suas reflexões profundas e emocionantes.

O estilo de escrita de Toshikazu Kawaguchi em "Antes Que o Café Esfrie" é descritivo e delicado. Ele pinta cenas vívidas que transportam os leitores para o

café pitoresco e os diferentes períodos de tempo explorados no livro. A prosa fala sobre a profundidade emocional dos personagens e suas lutas. Além disso, como Kawaguchi é um dramaturgo, sua escrita também possui momentos brilhantes e românticos, embora em alguns momentos possa parecer um pouco casual, como é possível notar no próximo tópico trabalhado.

2.2 UM BREVE APANHADO DO LIVRO “ANTES QUE O CAFÉ ESFRIE”

“Antes que o café esfrie” é uma trilogia de livros, escritas pelo autor Toshikazu Kawaguchi. O romance foi lançado em 2015, fala sobre sentimentos, viagem no tempo, magia e café. O livro foi traduzido para o inglês por Geoffrey Troussel para a editora Picador. Em 2019 ele chegou ao Brasil pela editora Valentina, com tradução, do inglês, de Priscila Catão, no dia 15 de abril. A história se passa em Tóquio, em uma pequena cafeteria escondida entre as vielas das ruas movimentadas.

O escritor nos apresenta um café subterrâneo centenário, com pouca ventilação e iluminação. A magia e mistério envoltos no livro acontecem dentro do estabelecimento chamado “Funiculi Funicula”. Inaugurado em 1874, na Era Meiji. O café é pequeno e escondido, não tem aberturas como janelas ou vidraças, criando um certo mistério referente ao horário, tem uma decoração simples e três relógios dependurados em uma das paredes com horários diferentes.

O café contava com alguns clientes fixos, como a dona de bar Yaeko Hirai e o senhor Fusagi. Mas grande parte da clientela surge pela lenda urbana que rodeia a cafeteria. A vontade de viajar no tempo é um dos maiores atrativos do pequeno estabelecimento, porém o custo da viagem é caro e não muito atrativo. Para poder ir ao passado ou ao futuro é necessário o cumprimento de cinco regras, que por muitas vezes acabam afetando a decisão de realizar o desejo mágico. As regras são:

- O futuro viajante só pode se encontrar com alguém que já passou pelo café no passado ou irá passar no futuro;
- Nada que ocorra no passado irá mudar no presente;
- A viagem pode ser feita apenas em uma cadeira, para se sentar na mesma o viajante tem que esperar o fantasma da mulher de vestido branco se levantar e ir ao banheiro (o que ocorre uma vez ao dia);
- Ao viajar no tempo não se pode sair da cadeira em nenhum momento, se o viajante levantar será arrastado para o presente rapidamente;
- A viagem tem um limite de tempo, começa quando um café preto for servido para o viajante e deve terminar antes do líquido esfriar. O viajante deve bebê-lo antes que a temperatura caia, caso contrário o viajante toma o lugar da fantasma de vestido branco, ficando perdido entre o futuro, o passado e o presente.

O livro relata que grande parte das pessoas, ao ouvir as regras desistem da viagem e não retornam. Porém o fato não abala ambos os responsáveis da cafeteria, Kazu, Nagare e Kei Tokita, que gentilmente sempre explicam as regras para os clientes e amigos.

Durante o livro são apresentadas quatro viagens do tempo. Que são divididos em capítulos: “Os Namorados”, “Marido e Mulher”, “As Irmãs” e “Mãe e Filha”. Muitas das histórias não tem um desfecho conclusivo, pois grande parte das narrativas se passam apenas dentro da cafeteria.

A primeira das viagens apresentada, é da viajante Fumiko. A personagem é apresentada logo no começo, onde ela e seu namorado, Goro, vão ao café para conversarem. A mulher estava bem vestida, na expectativa de ser pedida em casamento, porém seu namorado tinha outros planos. Goro havia recebido uma proposta de emprego temporário em outro país e iria terminar com Fumiko.

Antes de viajar, Fumiko explica que seu desejo de voltar no tempo se dá pela vontade de falar sobre seus sentimentos ao rapaz antes do mesmo ir embora, mesmo que as coisas não mudassem no presente. Ela gostaria de saber a sua reação, o que ele iria falar e se desistiria de tudo por si. A mulher fala sobre o arrependimento que sentiu ao não se abrir, falando sobre o que pensava, crendo que ele acreditava na teoria que a mesma não havia dado muita importância para a mesma e que não havia causado grandes impactos na vida da mesma.

Ao viajar para o passado ambos se encontram, antes que o rapaz possa ir embora após o término, Fumiko fala sobre seus sentimentos. O rapaz, ao ouvir se emociona, pois terminaria com a moça por acreditar que o relacionamento poderia atrapalhar a vida social e profissional. Goro sempre se sentiu inferior à namorada, por não se sentir tão bonito e social como a companheira. E ele prometeu para Fumiko, que se esperasse por ele, o relacionamento de ambos poderia florescer.

E no primeiro capítulo, também, são apresentados a maioria dos personagens recorrentes do livro. Onde eles são caracterizados e personificados, o autor desenha detalhadamente os personagens com palavras simples e de fácil compreensão.

No segundo capítulo, “Marido e Mulher”, os personagens principais já eram nossos conhecidos. O foco principal cai sobre Fusagi e sua esposa, Kohtake, clientes assíduos da cafeteria. Atualmente, suas vidas se desenrolam num cenário de cuidado não recíproco, onde Kohtake desempenha o papel de enfermeira - sua profissão -, e a dinâmica de marido e mulher é quebrada pela doença do marido. Enquanto Fusagi anseia por uma viagem no tempo, aguardando ansiosamente a aparição da mulher de branco para esse fim, é Kohtake quem se vê diante da oportunidade. Num mergulho no passado, ela se reencontra com seu esposo numa ocasião específica: ele, determinado a entregar-lhe uma carta.

A mulher viaja para anos atrás onde seu marido é saudável, ainda não tem Alzheimer e não depende de seus cuidados. Seu marido, aparenta não apresentar tamanha felicidade, fica surpreso ao vê-la sentada na cadeira. O homem tenta, por diversas vezes, afastar a atenção da mulher, porém ela lhe faz uma pergunta certa: “Tem alguma coisa... algo que você queira me entregar?”. Ao notar a reação do marido, Kohtake tenta desfazer sua fala, se sentindo mal e pensando em voltar ao presente. Fusagi, então, percebe que sua esposa havia viajado do futuro para lhe ver e conversar consigo.

Abatido o homem demonstra tristeza profunda, sendo consolado pela mulher, que mente ao tentar consolar o marido. Então estende a carta para a esposa, que aceita de bom grado. Fusagi sabia de sua doença e não sabia como contar para Kohtake, então lhe escreveu uma carta, a qual entregaria quando tivesse coragem. Nesse momento o fato jamais acontecerá, o estado de saúde de Fusagi piorou e, eventualmente, ele se esqueceu da mulher. Seu propósito ainda

estava em mente, acreditando no desaparecimento da mesma, o homem ia ao café para voltar no tempo e entregar a carta para a esposa desaparecida.

Durante a explicação sobre a história do casal, a carta ganha maior significação. Eles se conheceram por um amigo em comum logo durante a juventude. Ambos moravam em lugares distantes, então seus únicos contatos eram através de cartas e telefones fixos. Durante o período em que Kohtake e Fusagi se conheceram melhor e germinaram sentimentos, o casal costumava trocar dezenas de cartas entre si. Kohtake escrevia extensas e belas cartas para o rapaz, respondidas de maneira curta e sem rodeios. A jovem moça adorava falar sobre tudo para o rapaz, seus devaneios chegavam até as dez páginas e recebia curtas frases em troca. Ao notar o aparente desinteresse na relação, Kohtake enviou uma carta direta e curta, se ele não se interessasse por ela ou pelo relacionamento que poderiam ter, que não respondesse mais e ela entenderia.

A garota recebeu a resposta dois meses e meio depois, o interior contendo apenas uma frase: “Quer casar?”. Kohtake, que já havia concluído no desinteresse do mesmo, aceitou rapidamente. O motivo pelo aparente desinteresse do jovem Fusagi era simples: ele não sabia ler e escrever corretamente. Escrevia cartas curtas, pois era o que sabia. Muitas vezes lendo a carta apenas passando os olhos e captando palavras conhecidas por si. Mas ao ler a carta curta e diferente, não entendeu praticamente nada, procurando palavra por palavra, tendo que pedir auxílio de pessoas que conhecia que soubessem ler.

Para Kohtake, saber da existência da carta e não conseguir conhecer seu conteúdo era sufocante. Não acreditava ser uma carta de amor, mas as linhas curtas foram lidas em voz alta pela amiga, surpreenderam a mulher. O conteúdo da carta era o seguinte:

Você é enfermeira, então creio que já percebeu. Eu tenho uma doença que me faz esquecer as coisas. Imagino que, quando eu for perdendo a memória, você poderá cuidar de mim com o distanciamento de uma enfermeira, mesmo que eu faça ou diga coisas estranhas – e mesmo que eu esqueça quem você é. Então eu peço que nunca esqueça de uma coisa. Você é minha esposa, e, se a vida ficar difícil demais para você como minha esposa, quero que me deixe. Não precisa ficar comigo como enfermeira. Se eu me tornar inútil como marido, eu quero que me deixe. Tudo o que peço é que faça o possível como minha esposa. Afinal, somos marido e mulher. Mesmo que eu perca a memória... quero que fiquemos juntos só como marido e mulher. Não suporto a ideia de nós dois continuarmos juntos apenas por uma questão de compaixão. Não consigo lhe dizer isso pessoalmente, então resolvi escrever esta carta

Através da emocionante carta, Fusagi expressa seu amor e desejo de que Kohtake continue a viver sua vida plenamente, mesmo que ele não se lembre dela, destacando a importância do amor e do compromisso na superação das adversidades do casamento. A narrativa do capítulo explora os sentimentos e conflitos internos de Kohtake. O autor utiliza a metáfora do café que esfria para ilustrar a efemeridade do tempo e a urgência em apreciar os momentos compartilhados antes que as memórias se dissipem.

O terceiro capítulo, “As Irmãs”, também conta a história de uma personagem recorrente. Logo no início é apresentado ao leitor uma criança, que está viajando no tempo, sentada na mesma cadeira onde a mulher de vestido deveria estar. Nagare tenta a ajudar, mas ela rapidamente nega, não querendo interagir com ele. Kazu entra no café, mas a garota novamente não parece querer conversar com ela. A mulher havia levado Kai a uma consulta e foi conversar com o dono do estabelecimento. O homem contou sobre o ocorrido e ambos ficaram conversando sobre a garota até a chegada de Kai. A moça entrou sorrindo e cumprimentando o namorado, mas foi parada pela viajante. A menina apenas lhe pediu uma foto, a ideia foi bem aceita pela atendente. A foto foi tirada de maneira espontânea e rápida, sem sobreaviso e revisão. Assim que conseguiu o que queria, a menina agradeceu e terminou seu café, sem avisar e sem responder as perguntas direcionadas a ela. Sendo assim a primeira cliente do futuro dos atuais donos do café, Kai e Nagare.

O capítulo é focado em Hirai, uma dona de bar sem papas na língua que tinha problemas familiares. Durante o livro a personagem Kumi é apresentada, irmã mais nova da empresária. Mesmo sendo uma empresária de sucesso, Hirai foi deserdada pelos pais, que não aceitavam sua carreira.

Hirai evitava a irmã há anos, assim que saiu de casa, a mulher deixou os laços familiares para recomeçar a vida. Kumi, mesmo sendo ignorada, continua tentando contato com a irmã mais velha. A jovem mulher acreditava na redenção da mais velha, pois diversas vezes ia para Tóquio tentar convencer a irmã a largar a vida de bar e a ajudar a cuidar da empresa da família, um hotel. Nas últimas visitas, Hirai tentou evitar até o encontro com a mais nova.

Porém a história das irmãs foi interrompida por um acidente de carro. A irmã mais nova havia, novamente, tentado entrar em contato com a irmã, escreveu uma carta para Hirai, na esperança de entregar para a mulher. Porém, o máximo

que conseguiu foi entregar o papel para Kai, que a guardou mesmo notando o desinteresse da amiga. Voltando para casa após outra tentativa de falar com a irmã, Kumi dirigia seu carro vagorosamente quando um motorista cansado bateu de frente em seu automóvel. A jovem adulta foi levada de ambulância ao hospital, mas, no trajeto, não resistiu aos ferimentos.

Ao voltar do velório da irmã, Hirai foi diretamente para o café, buscando o contato e conforto dos amigos. A moça pediu um copo de água e contou o motivo da volta antecipada, seus pais a culpam pela morte da mais nova. Ao conversar com a mulher, Kai lhe entrega a carta, oferecendo-lhe seus sentimentos.

Decidida, Hirai voltar no tempo. Mesmo com a consciência de que, no presente, as coisas continuariam iguais e sua irmã continuaria morta, a mulher não conseguia seguir sua vida carregando peso de ter ignorado sua irmã durante tanto tempo.

Após tentar retirar a mulher de branco da cadeira e ser amaldiçoada brevemente pela fantasma, Hirai tem sua oportunidade ao assistir o ser se levantar e ir ao toalete. Inundada pelas lembranças contentes e pressuposições dolorosas com sua amada irmã, a empresária senta na cadeira correta e recebe um alarme que apita assim que o café começa a esfriar.

Ao chegar no passado, a viajante se encontra com Kai e explica a situação brevemente, sem citar a tragédia. Mesmo notando a tristeza da amiga e cliente, a moça resolveu não comentar sobre os sentimentos alheios e continuar seu trabalho.

Kumi chegou à cafeteria às três da tarde em ponto, com as mesmas roupas e com a mesma feição que tivera três dias antes. Conversava no celular quando reconheceu sua irmã sentada na cadeira, sequer conhecia a lenda de viagem do tempo do local. Também não estranhou as roupas fúnebres da irmã. Aparentava estar genuinamente feliz em encontrar a mais velha tão contente em vê-la, sem sequer notar as estranhezas de primeira mão.

Mesmo querendo gritar para sua irmã não ir viajar e ficar segura consigo em Tóquio, Hirai se conteve. A mulher tentou aproveitar ao máximo o tempo com sua irmã, pedindo perdão por ter ignorado a mais nova e ouvindo as diversas tentativas de a convencer a voltar para casa. Hirai, nota o nervosismo e tristeza da irmã, dizendo apenas “Tá tudo bem, eu não me incomodo de voltar para casa”.

Esperando receber um sorriso contente e uma feição animada. Porém Kumi começou a chorar.

Durante o velório da irmã, Hirai sentiu sua consciência pesar de maneira abrupta. Havia ignorado a mais nova durante diversos momentos, enquanto a jovem a implorava para voltar para casa e a ajudar na administração do hotel familiar. Hirai pensou nos sonhos de Kumi, sonhos abandonados para ajudar na construção da tradição familiar. Se ambas trabalhassem juntas, ambas poderiam ter seus próprios negócios, pois não haveria tanta pressão em apenas uma pessoa. A dona de bar se sente egoísta, por conseguir construir e ter sua liberdade, mas ter roubado a de sua irmã.

Quando viu Kumi chorar, a mulher sentiu seu coração apertar. Ao consolar a mais jovem, ouviu sua irmã confessar que seu sonho sempre fora gerenciar o negócio da família com a mais velha. Tudo que queria para conquistar sua felicidade era ter contato com Hirai.

O alarme dado por Kai para Hirai começou a tocar, era hora de ir embora. Kumi se levanta para arrumar a maquiagem, deixando a outra sozinha. A atendente auxilia a amiga a ter coragem para voltar ao presente, pois Hirai gostaria de ter mais tempo com a irmã, poder olhar nos olhos apenas uma vez. Porém, ela escuta a atendente e termina de tomar a xícara toda de café.

Mesmo sem poder mudar o passado, Hirai sentiu felicidade genuína ao deixar a irmã feliz. Nunca havia visto Kumi tão satisfeita e feliz. Mesmo com o falecimento do familiar, a mulher resolve honrar a imagem da irmã e decide voltar para a casa dos pais, para assumir o negócio da família.

O capítulo explora as complexidades das relações familiares e amorosas, bem como as escolhas e sacrifícios pessoais que acompanham a busca por realização profissional e pessoal.

No quarto, e último, capítulo a narrativa tem como protagonistas os já conhecidos donos da cafeteria Funiculi Funicula. Com o nome de “ Mãe e Filha”, a história contada se tece ao redor do relacionamento de Nagare e Kai, e no fruto dele.

Logo no início, a história apresenta Kai doente. A mulher, desde criança, tinha uma doença cardíaca que a acompanhava durante seu crescimento. Mesmo acreditando estar se sentindo mal pelo problema de saúde, Kohtake a aconselhou

a procurar um médico. Após receber o comentário da enfermeira aposentada a atendente foi ao médico, descobrindo assim, que estava grávida.

A gravidez trouxe extrema felicidade ao jovem casal. Principalmente para Kai, que passava horas conversando com sua barriga, imaginando o futuro do fruto de seu relacionamento. Com o avanço da gravidez, a saúde da mãe de primeira viagem começou a se deteriorar. Raramente se sentia bem, sempre tendo calores extremos e diversas mudanças de humor. Apesar disso, Kai jamais reclamou. Já estava acostumada às estadias no hospital desde criança, aguentava firme os incômodos físicos.

O sonho de vida perfeita caiu pela terra quando o médico lhes deu um diagnóstico. Kai não aguentaria o parto, seu coração não era forte o suficiente, e logo seria hospitalizada pela fragilidade de seu corpo. No caso de escolher seguir com a gravidez, o casal tinha que entender que a possibilidade de ambos sobreviverem é muito baixa. Mesmo que sobrevivam ao nascimento, o coração dela ficará tremendamente prejudicado. O médico disse a Nagare que sua esposa precisava entender que o parto iria diminuir a expectativa de vida dela.

Nagare ficou desolado. O rapaz desistiria da ideia de ser pai, apenas para ficar com a esposa até o seu coração parar de funcionar. Kai estava decidida, iria continuar com a gravidez e, logo iria para o hospital. Mas antes, precisava ter certeza que sua filha ou filho seria feliz, ou se tinha uma vida plena, ou se a criança conseguia perdôá-la por só conseguir gerar e não poder estar presente na criação de seu próprio filho.

Assim que a mulher de vestido branco se levanta, a mulher grávida toma o lugar da outra. Combinando o encontro futuro com a outra atendente, Kazu, para que não houvesse nenhum problema. O encontro foi marcado para o dia 27 de agosto, às 15 horas, em dez anos no futuro. Antes mesmo de receber seu café, já era possível notar a felicidade no olhar de Kai, ansiosa para ver o fruto de seu esforço.

Esperando pelo seu café, Kai começou a pensar sobre sua vida. A jovem sempre se mantinha sorrindo, sem reclamar sobre coisas ruins que lhe acometeram. Lembrou-se de seu pai, que faleceu quando ela era pequena, lembrou de sua mãe sorrindo para que seu companheiro não ficasse triste no caixão. Desde então a jovem mulher sorria por seu pai, sem ter tempo para ficar triste.

O futuro da cafeteria era como esperado. As paredes eram iguais. Os pilares e a imensa viga de madeira que atravessava o teto eram de um marrom-escuro lustroso continuavam as mesmas. Ainda existiam os três relógios da parede. Devido à iluminação antiga que coloria o café inteiro com uma gradação sépia independente do horário, a jovem não tinha a mínima sensação de passagem do tempo. A atmosfera retrô do café tinha um efeito reconfortante para a mulher, quase se sentindo em casa. Nada indicava que ela tinha viajado dez anos no futuro.

Ao notar que havia um calendário marcando dez anos no futuro, a mulher respirou aliviada. Tentou chamar a atenção do atendente, não o reconhecendo. Ao conversar brevemente com ele, Kai descobriu que tanto Nagare, quanto Kazu não trabalhavam mais ali e tinham se mudado, indo morar em Hokkaido. Acreditando que havia viajado sem motivo, a mulher sentiu o desapontamento a abraçar. Sequer conseguia ficar brava, uma promessa de encontro em dez anos é, de fato, de difícil execução.

Porém, a porta soou, e uma adolescente entrou na cafeteria. A mesma jovem que viajou ao passado para tirar uma foto consigo. A jovem trabalhava no lugar e utilizava o mesmo avental que a viajante, algo que criou um sentimento de extrema felicidade, agora tinha certeza que seu legado seria contínuo. A jovem, muito ansiosa, não interagiu com a mais velha, sequer tendo contato visual com a outra.

O homem atrás do balcão, futuro gerente, sequer notava a tensão na sala quando atendeu ao telefone escandaloso. A ligação era de Nagare, para Kai. Ao conversarem o casal não conseguia se ouvir direito, o homem contou sobre erros que ocorreram durante a viagem. A jovem mãe havia viajado, na verdade, para o dia 27 de agosto, às 10 horas da manhã, em quinze anos no futuro. Kai também descobriu que a jovem atendente era sua filha, agora adolescente.

Kai estava estática, sequer cogitou a ideia de ser a mãe da adolescente. Miki, sua filha, estava muito envergonhada e, assim que teve a chance, fugiu para os fundos da loja. Então uma mulher entra rapidamente na loja, era Fumiko Kiyokawa, quinze anos mais velha e um pouco mais cheinha. A, futura senhora, ao descobrir sobre a pequena fuga da adolescente, foi até ela.

Mesmo não conseguindo conversar com sua filha, Kai estava contente em ver seu rosto. Feliz em saber que tinha uma filha saudável e bela. Falou para a

amiga que estava satisfeita apenas com o pequeno contato, mesmo que sua filha não quisesse conversar consigo. Porém Fumiko convenceu ambas a conversarem. Nenhuma das duas sabia o que dizer. A mais velha gostaria de pedir perdão, por não poder estar com a garota, porém não tinha coragem. Ao encontrar o silêncio, Kai decidiu terminar de tomar o café, sem ter o que desejava.

Miki começou a falar um pouco antes de sua mãe partir. Contou sobre seus sentimentos, sobre como havia se sentido sozinha e triste, mas que era muito feliz pelo simples fato de sua mãe ter lhe dado a vida. Agradeceu e em meio as lágrimas de ambas Kai entendeu todo seu esforço. Ouvir a jovem lhe chamar de mãe criou em si uma chama de felicidade nunca testada.

Pensou no presente, que não havia mudado. Nos amigos que iriam criar sua filha por si, em seu marido que seria um excelente pai. Durante a narrativa o autor cita: “Kai percebeu que Miki estava cercada de pessoas afetuosas que realmente a apoiaram naqueles quinze anos sem ela e que desejavam do fundo do coração que ela fosse feliz”. A mãe, ainda muito emocionada, agradeceu a oportunidade de ter gerado a garota.

Já no presente, Kai voltou com seu rosto coberto de lágrimas, e buscou conforto nos braços do marido, que sorria aliviado. Voltou cercada de suas amigas, que pareciam genuinamente felizes e aliviadas pela jovem mãe.

No dia seguinte a gestante foi internada, e durante a primavera gerou a pequena garotinha chamada de Miki. A pequena criança nasceu cheia de vida, saudável e feliz, assim como sua mãe sonhara.

O livro finaliza com o questionamento sobre a serventia da cadeira mágica que fazia as pessoas viajarem no tempo. Kazu, nas últimas páginas cita: “independentemente das dificuldades que as pessoas estivessem enfrentando, elas sempre teriam a força necessária para vencê-las. E se a cadeira era capaz de mudar o coração de alguém, ela claramente servia para alguma coisa”. Ou seja, a cadeira, mesmo sendo uma cadeira, conseguia trazer sentimentos variados para as pessoas, mesmo que não mudasse os fatos.

A temática da efemeridade temporal e a relevância de abordar e resolver assuntos pendentes enquanto há oportunidade são exploradas durante a narrativa toda. Por meio das vivências dos personagens em busca de redimir arrependimentos ou reencontrar entes queridos, a narrativa sugere que, embora a mudança do passado seja inalcançável, todos detêm a capacidade de moldar o

presente e o influenciar por meio de nossas ações e escolhas. Ademais, o livro adverte sobre a importância de apreciar os momentos e as pessoas atuais, dado que o tempo é um recurso precioso e irrecuperável uma vez que “o café esfria”.

ANÁLISE SOBRE O LIVRO ANTES QUE O CAFÉ ESFRIE

Este capítulo está destinado a iluminar as interseções entre a narrativa fictícia e a realidade humana, revelando como as lições contidas nas páginas de "Antes que o Café Esfrie" podem lançar uma nova luz sobre a busca universal pela felicidade.

3.1. SIGNIFICADOS OCULTOS NO LIVRO “ANTES QUE O CAFÉ ESFRIE”

Explorando os capítulos de "Antes que o café esfrie", é possível notar que em diversos trechos do livro existem diversas nuances que se abrem para diversas interpretações e significados, muitas vezes até em pequenos detalhes. No entanto, muitos leitores podem não perceber essas sutilezas, deixando passar despercebida essa peculiaridade da narrativa.

As sutilezas começam pelo nome da cafeteria "Funiculì Funiculà", é mencionado como o título de uma música que a personagem Kohtake relembra de sua infância. A canção descreve a aventura de escalar um vulcão, onde a lembrança da lava fervente em um dia de verão intensifica ainda mais o calor sentido. No entanto, ao adentrar a cafeteria, Kohtake é recebida por um ambiente agradavelmente fresco, em nítido contraste com o calor lá fora. Esse nome traz memórias nostálgicas e estabelece uma conexão entre o passado e o presente, o que é apropriado, visto que a cafeteria possui a peculiaridade de permitir viagens

no tempo sob certas regras. Assim, o nome "Funiculì Funiculà" assume significado tanto pela sua associação com a música quanto pelo seu papel na trama das viagens temporais do livro.

"Funiculì Funiculà" é uma famosa canção italiana escrita pelo jornalista, poeta e cantor Giuseppe 'Peppino' Turco, com música de Luigi Denza, em 1880. A canção foi composta para celebrar a inauguração do primeiro funicular do Monte Vesúvio, em 1879. Este funicular, um tipo de trem preso a cabos de aço, facilitava a subida da montanha, que até então era feita a pé por turistas.

A canção é alegre e animada, e a letra fala da experiência emocionante de subir a montanha no novo funicular. A narrativa descreve a vista espetacular e a sensação de aventura proporcionada pela viagem. A repetição do refrão "Funiculì, Funiculà" imita o movimento rítmico do funicular subindo e descendo a montanha.

Além de comemorar a inovação tecnológica, a música também é uma celebração do progresso e da modernidade, destacando como o funicular transformou a experiência turística, tornando a subida ao Monte Vesúvio acessível e emocionante. A canção rapidamente se tornou um sucesso e é até hoje uma representação icônica da cultura napolitana e da era de progresso industrial do final do século XIX.

O termo "funicular" vem do latim "funiculus", diminutivo de "funis", que significa "corda". Um funicular é um sistema especial de transporte ferroviário projetado para conectar pontos ao longo de uma encosta íngreme. Este sistema é caracterizado por dois vagões que se contrabalançam, conectados por um cabo de transporte que passa por uma polia no topo da pista. Quando um vagão sobe, o outro desce na mesma velocidade, o que diferencia os funiculares dos elevadores inclinados, que possuem apenas um vagão. Algo que também pode ser ligada à história, pois ao mesmo tempo que a personagem está no presente, ela pode estar no passado ou futuro.

No ambiente acolhedor da cafeteria, cenário central do livro, o tempo parece dobrar-se, tornando-se maleável, um refúgio temporal para os que buscam revisitar momentos passados. Nesse espaço peculiar, os personagens são confrontados com a tentação de mudar o que já aconteceu, de reescrever suas histórias em busca de redenção ou felicidade perdida.

Contudo, as regras impostas pela própria dinâmica da cafeteria impõem limites à vontade dos viajantes no tempo. É como se cada uma delas fosse um

lembrete do inevitável curso da vida, da necessidade de aceitar as circunstâncias e as consequências de suas ações passadas. Viajar no tempo só é permitido se houver uma disposição real de seguir adiante, de aprender com o passado ao invés de tentar reescrevê-lo completamente.

Essas limitações, por sua vez, evidenciam a busca das personagens por uma plenitude de consciência. Ao confrontarem-se com as restrições impostas pelo próprio tecido temporal, compreendem que certos eventos são inalteráveis, que a vida, por mais que crie o desejo controlá-la, segue seu próprio curso, muitas vezes de forma imprevisível.

O tempo limitado dos viajantes, confinados ao momento em que decidiram retornar, ressalta a fragilidade e brevidade dos momentos vividos diariamente. Cada instante, tão fugaz quanto o calor de um café recém-preparado, pode representar uma oportunidade de mudança, uma chance de alterar o curso de uma vida inteira, em apenas alguns minutos até o frio contaminar o café.

Em meio a esse estranho jogo temporal, uma figura se destaca: o fantasma, aprisionado no limbo temporal, incapaz de avançar. Sua presença no café, absorto na leitura de um livro, ecoa como um eco das memórias e arrependimentos que assombram a todos nós, sugerindo que o passado deixa suas marcas indelévels no presente. Imerso em uma aura de tristeza e desprovido de empatia, ele lança sua sombra nefasta sobre o passado, o presente e o futuro das personagens, como uma lembrança sinistra das dores que nos prendem.

O fantasma serve como um lembrete doloroso de como os fardos do passado podem ser tão pesados a ponto de nos incapacitar para o futuro, envolvendo-nos em um ciclo vicioso de autocomiseração. Sua presença não só afeta aqueles que o cercam, mas também revela a incapacidade de alguns em superar suas próprias dores e seguir adiante. Assim, mesmo diante da possibilidade de mudança, eles permanecem aprisionados em um labirinto de sofrimento, lançando sua influência sombria sobre todos ao seu redor.

Naquela cafeteria subterrânea, um refúgio centenário do mundo acelerado lá fora, a mobília parecia ter sido meticulosamente escolhida para criar uma sensação de conforto acolhedor. Entre os pilares de pedra e a imensa viga de madeira que cruzava o teto em um tom marrom-escuro, permeia uma aura de nostalgia, como se cada peça de mobília tivesse sido testemunha de inúmeras histórias ao longo

dos anos. Era como adentrar uma casa antiga, onde as paredes guardam segredos e as memórias flutuam no ar.

Os três relógios na parede, com seus ponteiros girando em ritmos próprios, pareciam simbolizar mais do que apenas a passagem do tempo. Representavam o passado, o presente e o futuro, uma trindade temporal que envolvia os visitantes em uma atmosfera única, onde o tempo parecia diluir-se em uma essência atemporal.

Nessa mesma linha de raciocínio, o relógio pode evocar as sombras, a morte e a noção iminente com as consequências, à medida que os ponteiros avançam inexoravelmente. Edgar Allan Poe (1842), renomado escritor estadunidense, explorou magistralmente essa associação em seu conto "A Máscara da Morte Escarlate", onde o badalar do relógio anuncia o destino derradeiro, como visto no desfecho: "o relógio preto cessou seu som com a última batida da morte". Assim, tanto na realidade quanto na ficção, o relógio transcende sua função meramente utilitária para se tornar um símbolo complexo, abarcando o tempo, a vida e a morte.

No âmago da representação do relógio, o centro pode ser interpretado como o epicentro imutável do tempo, o "ponto eterno" em meio à efemeridade das horas e dos minutos que o circundam.

A iluminação antiquada, com sua tonalidade sépia, pintava o ambiente com uma nostalgia palpável, independentemente do horário do dia. Estudos científicos, como os realizados pelos pesquisadores Rahman, Viola U. e Vandewalle, corroboram essa sensação, descrevem a luz sépia, mais conhecida como luz quente ou luz amarela, como calmantes naturais. A luz quente não suprime a produção de melatonina, o hormônio do sono, como a luz fria faz. E ambientes iluminados com luz quente tendem a criar uma sensação de conforto e relaxamento. Isso pode ajudar a reduzir o estresse e a ansiedade, promovendo o bem-estar emocional. A luz quente pode estimular a produção de serotonina, um neurotransmissor associado ao humor positivo e à sensação de felicidade. Isso pode ser benéfico para o equilíbrio emocional. Alguns estudos sugerem que a luz quente pode melhorar a atenção, concentração e desempenho cognitivo. Podendo ser útil em ambientes de trabalho ou estudo. Também portais online, como a revista Terra, descrevem a luz amarela como "aconchegante e relaxante" e aconselham o uso da mesma em salas de jantar, dormitórios, varandas e áreas de socialização.

A atmosfera retrô da cafeteria exercia um efeito reconfortante sobre os clientes, evocando uma sensação de familiaridade e segurança. Desde a simplicidade dos móveis até o aroma inebriante do café, tudo ali remetia a um passado intocado, preservado em um casulo de eterna nostalgia.

Assim, enquanto os visitantes se acomodavam em suas cadeiras, mergulhavam naquela atmosfera única, compactuando inconscientemente em pertencer a um espaço que transcendia as amarras do tempo. Ali, nas profundezas do café subterrâneo, o tempo não era um mestre tirano, mas sim um aliado, uma ferramenta para explorar as vastidões do passado e do futuro com serenidade e contemplação.

Outro ponto de destaque na obra é a cadeira. Diante de uma das regras impostas pelo próprio tecido temporal, os protagonistas são instruídos a assumir uma postura serena, sentando-se e permanecendo imóveis durante todo o percurso na cadeira.

Essa imagem evoca reminiscências da história da arte, onde a pose sentada sempre desempenhou um papel de destaque. Desde "O Pensador" de Auguste Rodin (1880) até a performance ousada de Marina Abramovic (2019) em "A Minute of Silence", a posição sentada tem sido utilizada como um símbolo de contemplação, de confronto com questões profundas da existência.

Assim, ao exigir que os viajantes adotem essa postura durante sua jornada temporal, a cafeteria impõe não apenas uma regra, mas uma oportunidade de enfrentamento. É como se a cadeira se transformasse em um trono de reflexão, um lugar sagrado onde as verdades do passado e as consequências do presente se entrelaçam.

Nesse contexto, a imobilidade forçada torna-se mais do que uma simples restrição, mas sim um convite para encarar de frente as circunstâncias da vida. É um momento de introspecção profunda, onde os viajantes podem confrontar seus medos, suas angústias e suas esperanças, antes de se aventurarem pelo labirinto do tempo.

Portanto, a pose sentada na cafeteria transcende a mera convenção estética; é um lembrete poderoso da seriedade do propósito da viagem no tempo, da necessidade de encarar a realidade com coragem e determinação. É um convite para contemplar o passado, enfrentar o presente e moldar o futuro com sabedoria e discernimento.

A jornada através das páginas de "Antes que o Café Esfrie" nos conduz a uma profunda reflexão sobre o tempo, a memória e a busca pela plenitude. A cafeteria "Funiculì Funiculà" não é apenas um cenário onde viagens temporais acontecem, mas sim um símbolo poderoso do eterno conflito entre passado, presente e futuro. Ao confrontar os personagens com suas próprias limitações e desejos mais profundos, a narrativa nos lembra da inevitabilidade da mudança e da importância de aceitar as circunstâncias da vida. Para iniciar o próximo tópico, é essencial notar a sutileza de cada um dos detalhes do livro.

3.2 REVISITANDO A TEORIA ATRAVÉS DA PRÁTICA: O ENCONTRO DOS LIVROS “FELICIDADE: MODOS DE USAR” E “ANTES QUE O CAFÉ ESFRIE”

Durante a leitura dos capítulos do livro “Antes que o Café Esfrie”, a busca pela plenitude diante a arrependimentos parece constante. Ao notar que a maioria das personagens resolve voltar no tempo, a filosofia de Cortella (2019) pode ser facilmente ligada ao sentimentalismo de Toshikazu Kawaguchi. O filósofo discute, em sua obra “Felicidade: Modos de Usar”, o papel da memória na percepção da felicidade. O pensador reflete em sua obra: “ Há pessoas que prestam tanta atenção na partida e na despedida dos momentos felizes que, quando estão vivendo um desses momentos, não são capazes de afagá-los, de cuidá-los.”

Cortella (2019) reflete sobre o papel da memória na percepção da felicidade, sugerindo que as lembranças podem adquirir uma luminosidade mais intensa do que os próprios momentos vividos. Algo que facilmente pode ser ligado à história do livro, onde, perdidos no desespero do presente, a ideia de alívio ao voltar no passado se faz constante.

A história de Fumiko e Goro, apresentada no primeiro capítulo de "Antes que o café esfrie", dialoga com as reflexões de Mário Sérgio Cortella (2019) sobre a felicidade como uma experiência marcada por momentos de intensidade e significado. Fumiko, em sua busca por compreender e expressar seus sentimentos antes que seja tarde demais, representa a essência da jornada pela felicidade conforme descrita por Cortella (2019). Sua decisão de voltar no tempo em busca de

uma oportunidade perdida reflete a ideia de que a verdadeira importância da felicidade se revela quando somos capazes de atribuir significado às nossas vivências, mesmo diante de desafios e arrependimentos.

Assim como Cortella (2019) destaca a importância da autenticidade na busca pela felicidade, Fumiko confronta seus próprios sentimentos e arrependimentos de maneira sincera, buscando uma verdadeira conexão com Goro e consigo mesma. A promessa de Goro de que o relacionamento poderia florescer se Fumiko esperasse por ele reflete a compreensão de que a felicidade é um horizonte em constante evolução, uma jornada compartilhada que exige autenticidade e comprometimento.

Além disso, a reflexão de Cortella (2019) sobre o papel da memória na percepção da felicidade ressoa com a viagem no tempo presente na obra, sugerindo que as lembranças podem adquirir uma luminosidade mais intensa do que os próprios momentos vividos. A história de Fumiko e Goro, assim como as reflexões de Cortella (2009), convidam-nos a contemplar a complexidade da busca pela felicidade e a importância de atribuir significado às nossas experiências, mesmo diante dos desafios e das incertezas da vida.

Cortella (2019) aborda a felicidade como uma experiência pontual, marcada por momentos de intensidade, ao invés de uma constante. Ele destaca que a verdadeira importância da felicidade se revela quando, mesmo diante de desafios, podemos afirmar que a vida teve significado. Essa perspectiva é ilustrada na história de Kohtake e Fusagi, onde a personagem Kohtake viaja no tempo para um momento específico onde seu marido, ainda saudável, lhe entrega uma carta expressando seu amor e desejos para ela continuar vivendo plenamente, mesmo que ele não se lembre dela devido ao Alzheimer. Esse momento revela a intensidade do amor e a busca pelo significado mesmo em circunstâncias desafiadoras.

Além disso, Cortella (2019) enfatiza a importância da autenticidade na busca pela felicidade, viver de acordo com nossos valores, mesmo que isso gere conflitos. Essa autenticidade é evidenciada na história das irmãs Hirai e Kumi, onde Hirai se vê confrontada com suas escolhas e o peso de suas ações ao perceber que ignorou a irmã durante tanto tempo. Esse confronto com a própria autenticidade e valores demonstra a complexidade da busca pela felicidade e do significado da vida.

O pensador sugere que as lembranças podem adquirir uma luminosidade mais intensa do que os próprios momentos vividos, ressaltando a importância de apreciar cada momento antes que se dissipe. Essa ideia é representada na história das irmãs, onde a personagem Hirai se vê confrontada com as memórias e arrependimentos ao perceber o valor das experiências compartilhadas com a irmã Kumi, mesmo diante da tragédia de sua morte.

O pensamento de Mario Sergio Cortella (2019) no livro "Felicidade: Modos de Usar" sobre a felicidade como uma experiência marcada por momentos de intensidade e significado se relaciona com o capítulo final da narrativa "Mãe e Filha".

Cortella (2019) destaca que a verdadeira importância da felicidade está em encontrar significado mesmo diante dos desafios, enquanto o capítulo narra a jornada de Kai e Nagare, enfrentando dificuldades de saúde e incertezas, mas encontrando significado na experiência da maternidade.

Assim como Mário (2019) enfatiza que a felicidade não é um destino fixo, mas sim um horizonte em constante evolução, o capítulo final mostra Kai ansiosa para ver o fruto de seu esforço, mesmo diante das incertezas do futuro.

A autenticidade na busca pela felicidade, mencionada por Cortella, também é representada na história de Kai, que enfrenta os desafios da gravidez com coragem e determinação, vivendo de acordo com seus valores e desejos. Além disso, a importância da memória na percepção da felicidade, mencionada anteriormente, pode se refletir ainda na história de Kai, que encontra conforto nas lembranças de sua família e no apoio de seus amigos, mesmo diante das adversidades.

Nos capítulos do livro, as personagens buscam controlar suas vidas e desejam mudanças constantemente. Quando decidem voltar no tempo, isso se conecta com o que o autor Pondé (2019) discute em "Felicidade: Modos de usar". Essa ligação entre os temas faz a história ficar ainda mais interessante, mostrando como as ideias de Pondé (2019) sobre controle, tempo e desejos se aplicam à narrativa. O pensador reflete em sua obra:

Aparentemente, a criação não planejou a felicidade humana. Por quê? Porque a gente está sempre tropeçando no desejo. A gente

está sempre perdendo o controle sobre o que quer, e o desejo é sempre algo que pode nos levar a momentos de enorme felicidade e a momentos de enorme tristeza – coisas que eu acho que estão lado a lado.

Os pensamentos de Pondé (2019) sobre a busca pela felicidade e autenticidade ecoam de maneira profunda na história de Fumiko e Goro em "Os Namorados". Assim como Pondé (2019) destaca que a autenticidade nem sempre leva à felicidade e pode até ser dolorosa ao exigir que enfrentemos nossas limitações e vulnerabilidades, Fumiko enfrenta uma situação dolorosa ao confrontar seus sentimentos não expressos e seu arrependimento por não ter sido autêntica em seu relacionamento com Goro.

Além disso, Pondé (2019) ressalta a importância da consciência da fragilidade humana para promover empatia e compreensão mútua. Da mesma forma, a história de Fumiko e Goro revela a vulnerabilidade e as limitações emocionais dos personagens, levando-os a uma compreensão mais profunda de si mesmos e de suas relações.

A ideia de Pondé (2019) de que a felicidade não é um estado permanente, mas sim efêmera e ligada a momentos específicos de realização, ressoa com a jornada emocional dos protagonistas. Enquanto Goro expressa seus medos de inadequação e vulnerabilidade, Fumiko busca encontrar sentido em suas relações, mesmo diante da incerteza e da possibilidade de enfrentar momentos de desconforto e insatisfação.

No capítulo narra que a história de Fusagi e Kohtake, destacando a dinâmica de cuidado não recíproco devido à doença de Fusagi, Pondé (2019) desafia a ideia de que a autenticidade sempre conduz à felicidade. Essa interligação pode ser observada nas experiências vividas por Kohtake ao enfrentar os desafios de cuidar de seu marido doente, mesmo desejando uma viagem no tempo para reencontrá-lo saudável.

A história de Fusagi e Kohtake ilustra a importância de expressar os sentimentos e enfrentar as limitações pessoais para construir relacionamentos significativos, enquanto Pondé (2019) destaca que ser autêntico pode ser doloroso, exigindo que enfrentemos nossas próprias vulnerabilidades. Além disso, a narrativa do capítulo também aborda a efemeridade da vida e a urgência em apreciar os

momentos compartilhados antes que as memórias se dissipem, refletindo a ideia de Pondé (2019) de que a felicidade está ligada a momentos específicos de realização e satisfação.

Enquanto o capítulo "Mãe e Filha" apresenta uma história emocionante sobre o relacionamento entre Kai, Nagare e sua filha Miki, os argumentos de Pondé (2019) sobre a felicidade abordam questões mais amplas sobre a natureza dessa busca.

No capítulo, Kai enfrenta uma série de desafios relacionados à sua doença cardíaca durante sua gravidez. Ela precisa lidar com a decisão difícil de continuar com a gravidez, mesmo sabendo dos riscos para sua saúde e para a vida do bebê. Essa narrativa destaca a importância de encontrar sentido na vida e nas relações interpessoais, mesmo diante de momentos de desconforto e incerteza. Por outro lado, Pondé argumenta que a autenticidade nem sempre leva à felicidade, e que reconhecer nossa própria fragilidade pode nos tornar mais empáticos e compreensivos em relação aos outros. Essa reflexão se relaciona intimamente com a história de Kai, que enfrenta sua fragilidade física enquanto busca viver de forma autêntica e significativa, apesar dos desafios.

Karnal (2019) sugere que a felicidade não deve ser perseguida como um fim em si mesma, mas sim como uma consequência natural de nossas atitudes e perspectivas em relação à vida. Enquanto Karnal (2019) questiona a obsessão moderna pela busca incessante da felicidade, as histórias apresentadas no livro revelam as nuances e desafios das relações interpessoais e os momentos efêmeros que compõem a vida humana. Através de personagens como Fumiko, Fusagi, Kohtake, Hirai, e Kai, as narrativas exploram a efemeridade do tempo e a importância de valorizar os momentos compartilhados com aqueles que amamos. Assim, tanto as reflexões filosóficas de Karnal (2019) quanto as experiências dos personagens nos convidam a refletir sobre a natureza da felicidade e a importância de viver plenamente o presente, apreciando os momentos de conexão e amor que enriquecem nossa jornada.

Enquanto Karnal (2019) sugere que a felicidade não deve ser buscada como um fim em si mesma, mas sim como uma consequência natural de certas atitudes e perspectivas em relação à vida, Fumiko busca compreender e expressar seus sentimentos antes que seja tarde demais, sem necessariamente esperar uma garantia de felicidade futura.

Assim como Karnal (2019) questiona a obsessão moderna pela busca incessante da felicidade e enfatiza a importância das conexões profundas com outras pessoas, Fumiko enfrenta a dolorosa realidade de um relacionamento que está prestes a terminar. A história de Fumiko e Goro revela as complexidades emocionais e os desafios da vida real, destacando que a felicidade não é um estado permanente, mas sim uma ocorrência eventual, efêmera e muitas vezes imprevisível.

O capítulo "Marido e Mulher" oferece uma reflexão sobre a natureza do amor e do compromisso, ecoando as ideias filosóficas de autores como Leandro Karnal (2019). Enquanto Karnal (2019) argumenta que a felicidade não é um estado permanente, mas sim uma ocorrência eventual, efêmera e muitas vezes imprevisível, a história de Fusagi e Kohtake exemplifica esses conceitos de uma maneira emocionante e comovente.

Assim como Karnal (2019) destaca a importância das conexões profundas com outras pessoas e dos momentos compartilhados com amigos e familiares, Fusagi e Kohtake representam a profundidade do amor e do compromisso em face da adversidade. Enquanto Fusagi luta contra a progressão de sua doença e a perda de sua memória, Kohtake enfrenta o desafio de manter viva a chama do relacionamento, mesmo quando seu marido não a reconhece mais.

A carta escrita por Fusagi para Kohtake, revelada durante o desenrolar da história, é um testemunho comovente do amor duradouro e do desejo de que Kohtake continue a viver plenamente, mesmo que ele não se lembre dela. Esse gesto de amor e compromisso ressoa com as ideias de Karnal (2019) sobre a importância de encontrar sentido na vida e nas relações interpessoais, mesmo diante de momentos de desconforto e insatisfação.

Além disso, assim como Karnal (2019) pondera sobre a singularidade dos momentos felizes, destacando que cada momento de felicidade é único e irrepetível, a narrativa do capítulo utiliza a metáfora do café que esfria para ilustrar a efemeridade do tempo e a urgência em apreciar os momentos compartilhados antes que as memórias se dissipem.

Portanto, a ligação entre os pensamentos de Karnal (2019) e a história de Fusagi e Kohtake ressalta a complexidade da busca pela felicidade e a importância de encontrar significado e amor nas pequenas alegrias do cotidiano, mesmo diante das adversidades da vida.

Assim como Karnal (2019) destaca a importância das conexões profundas com outras pessoas, a relação entre Hirai e Kumi ressalta o poder transformador do amor e do perdão dentro de uma família. Apesar das tensões e dos desentendimentos do passado, Hirai é confrontada com a fragilidade da vida e a efemeridade das relações humanas quando perde sua irmã em um trágico acidente de carro. Esse evento doloroso a leva a repensar suas prioridades e a reconhecer o valor das conexões familiares que ela havia negligenciado.

Enquanto Karnal (2019) pondera sobre a importância de encontrar significado na vida e nas relações interpessoais, Hirai confronta seu próprio egoísmo e arrependimento por ter ignorado os sonhos e desejos de sua irmã mais nova. Ao perceber o impacto de suas escolhas sobre a vida de Kumi, Hirai é compelida a repensar suas próprias ambições e a encontrar um equilíbrio entre suas aspirações pessoais e suas responsabilidades familiares.

Além disso, assim como Karnal (2019) reflete sobre a singularidade dos momentos felizes, a história das irmãs ressalta a importância de valorizar os momentos compartilhados e as memórias preciosas que construímos ao longo da vida. Mesmo sem poder mudar o passado, Hirai encontra conforto e redenção ao se dedicar a honrar a memória de sua irmã e a assumir a responsabilidade pelo negócio da família. Portanto, a ligação entre as reflexões filosóficas de Karnal (2019) e a história das irmãs Hirai e Kumi destaca a complexidade da busca pela felicidade e do significado da vida, ressaltando a importância das conexões humanas e do amor incondicional como pilares fundamentais para uma existência significativa e satisfatória.

Karnal (2019) fala que a felicidade não deve ser perseguida como um fim em si mesma, mas sim como uma consequência natural de nossas atitudes e perspectivas em relação à vida. Da mesma forma, Kai experimenta momentos de contentamento e realização não por alcançar um estado perfeito de felicidade, mas ao reconhecer a beleza e a significância dos momentos compartilhados com sua família e amigos.

Enquanto Karnal (2019) questiona a obsessão moderna pela busca incessante da felicidade e enfatiza a importância de aceitar nossas próprias imperfeições, a história de Kai mostra como a aceitação de limitações e fragilidades pode levar a uma vida mais autêntica e satisfatória.

Assim como nos relatos das viagens no tempo apresentados, as reflexões de Leandro Karnal (2019) sobre a felicidade e o tempo ganham relevância nesse contexto. Karnal (2019) nos convida a repensar a busca incessante pela felicidade como um objetivo final e absoluto, destacando a importância de viver plenamente o momento presente. Da mesma forma, as histórias de Kai e dos demais personagens nos lembram da efemeridade do tempo e da necessidade de valorizar os momentos compartilhados com aqueles que amamos.

Enquanto Karnal (2019) nos alerta sobre a ilusão da busca constante pela felicidade como um estado permanente, os relatos das viagens no tempo nos mostram que a verdadeira felicidade reside nos pequenos momentos de conexão e amor. Assim como Karnal (2019) enfatiza a importância de reconhecer nossas imperfeições e limitações humanas, os personagens dos relatos confrontam suas próprias fragilidades e buscam redenção através do perdão e da aceitação.

Em suma, tanto as reflexões de Karnal quanto as histórias das viagens no tempo nos convidam a refletir sobre a natureza efêmera da vida e a importância de viver plenamente o presente, apreciando os momentos de felicidade e conexão que tornam a jornada humana significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo a análise das representações da busca pela felicidade na literatura contemporânea, utilizando o livro “Antes que o Café Esfrie”, onde as nuances do sentimento são habilmente exploradas e representadas. O resultado surgiu nas páginas dos livros surgiram personagens que anseiam pela felicidade, enfrentando desafios e dilemas que ecoam em nossas próprias jornadas.

A jornada acadêmica que culmina neste trabalho proporcionou não apenas uma compreensão mais profunda da complexidade humana. Através da comparação entre os ideais filosóficos e as narrativas contemporâneas, foi possível criar um vislumbre e uma intersecção entre teoria e prática, entre abstração e vivência concreta.

A obra "Antes que o café esfrie" ofereceu um exemplo vívido dessa busca incessante pela felicidade, onde personagens se veem confrontados pela dura realidade que muitas vezes frustra seus anseios. Essa dissonância entre o idealizado e o vivenciado ecoa não apenas nas páginas dos livros, mas também nas vidas reais, lançando luz sobre os desafios que enfrentamos diariamente em jornadas pessoais rumo à felicidade.

A literatura, como documento histórico e espelho da sociedade atual, desempenha um papel fundamental ao oferecer “*insights*” sobre os valores sociais e individuais que permeiam nossa busca pela felicidade. Ao explorar as diferentes faces desse sentimento em uma peça literária tão diversa, transformada em romance. Período incompleto

Assim, a análise das representações da felicidade na literatura contemporânea não apenas enriquece a compreensão da complexidade humana, mas também convida a uma jornada de autoconhecimento e reflexão. Que este

trabalho possa servir como um ponto de partida para novas investigações e descobertas, e que as histórias aqui compartilhadas ecoem em cada leitor, inspirando-os a trilhar o caminho rumo à felicidade com coragem, compreensão e empatia.

Em conclusão, a exploração da busca pela felicidade em obras literárias contemporâneas, comparada com pensamentos filosóficos, revela uma interseção rica e complexa entre teoria e prática. Ao analisar as experiências dos personagens de "Antes que o café esfrie" e os conceitos filosóficos apresentados em "Felicidade: Modos de Usar", é possível identificar como a literatura não apenas reflete, mas também amplia nossa compreensão sobre o sentimento de felicidade.

A obra de Toshikazu Kawaguchi oferece uma narrativa que, apesar de fictícia, carrega consigo verdades universais sobre a condição humana, ilustrando como a felicidade é muitas vezes transitória e condicionada por nossas relações e experiências cotidianas. As personagens enfrentam desafios que ecoam as frustrações e esperanças comuns a muitos de nós, destacando a efemeridade dos momentos felizes e a importância de aceitar e aprender com o passado.

Em contrapartida, os pensamentos filosóficos de Leandro Karnal, Luiz Felipe Pondé e Mário Sérgio Cortella em "Felicidade: Modos de Usar" fornecem uma base teórica que enriquece essa análise, propondo reflexões sobre a natureza da felicidade e como ela é perseguida e compreendida ao longo dos séculos. A filosofia oferece uma lente através da qual podemos interpretar as ações e sentimentos dos personagens, permitindo uma compreensão mais profunda das dinâmicas que moldam nosso bem-estar.

Este trabalho demonstra que a literatura serve como um espelho da sociedade, refletindo nossas aspirações e inquietações, ao mesmo tempo que proporciona um espaço seguro para explorar essas complexidades. Ao comparar as representações da felicidade na literatura com pensamentos filosóficos, ampliamos nosso entendimento sobre a busca humana por esse estado de bem-estar, revelando tanto as semelhanças quanto as dissonâncias entre o idealizado e o vivenciado.

Assim, esta análise não só ilumina as intersecções entre a ficção e a realidade, mas também nos convida a refletir sobre nossas próprias jornadas em busca da felicidade. Através das histórias e dos pensamentos filosóficos, somos incentivados a contemplar e questionar o que realmente significa ser feliz,

reconhecendo a importância das conexões humanas e do amor como elementos essenciais nessa busca contínua.

Ao longo da pesquisa, foi possível traçar paralelos interessantes entre as citações de grandes pensadores e os desafios enfrentados pelos personagens em obras contemporâneas, chegando a conclusões reveladoras sobre a visão filosófica da felicidade. A intersecção entre teoria e prática, entre reflexões abstratas e experiências concretas, revelou um choque de ideias e uma dissonância entre o idealizado e o vivenciado.

A representação de sentimentos na literatura cria uma ligação profunda entre o público e as histórias, oferecendo um espelho social é uma ferramenta de exploração e expressão popular. A literatura, como documento histórico, reflete os valores sociais e individuais, permitindo uma análise das dinâmicas que moldam o bem-estar humano.

Este estudo não apenas ilumina as intersecções entre a narrativa fictícia e a realidade humana, mas também convida à reflexão sobre nossas próprias jornadas em busca da felicidade. Ao examinar as nuances desse sentimento e sua manifestação na literatura contemporânea, este trabalho enriquece nossa compreensão da complexidade humana e dos valores sociais que permeiam nossa busca pelo contentamento.

Portanto, a análise da felicidade em "Antes que o café esfrie", à luz dos conceitos filosóficos de "Felicidade: Modos de Usar", oferece pensamentos valiosos sobre a condição humana e incentiva uma reflexão mais profunda sobre nossas próprias jornadas em busca desse elusivo estado de bem-estar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVIC, Marina. **A Minute of Silence**. Performance artística realizada em 15 de maio de 2019, Nova York, EUA.

AUGUSTYN, Adam. **Happiness**. BRITANNICA, 2019. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/happiness/>. Acesso em: 4 mar. 2024.

BARRETO, Raquel. **Luz branca ou amarela?** Saiba a diferença e onde usar cada uma. Terra, 2023. Disponível em: https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/casa-e-decoracao/luz-branca-ou-amarela-saiba-a-diferenca-e-onde-usar-cada-uma,49d90314483d10ee9ae012dd349a38aezorui6v6.html?utm_source=clipboard/. Acesso em: 27 de Mar. de 2023.

BOYCE, P. R., & HUNTER, C. M. **How to light a kitchen**. 2003. Journal of the Illuminating Engineering Society, 32(2), 101-116.

KARNAL, Leandro; PONDÉ, Luiz Felipe; CORTELLA, Mario Sergio. **Felicidade: modos de usar**. 1. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

KAWAGUCHI, Toshikazu. **Antes que o café esfrie**. Rio de Janeiro: Editora Valentina, 2022.

LEOPOLDO, F. **Felicidade: Dos Filósofos Pré-Socráticos aos Contemporâneos**. São Paulo: Nova Alexandria, 2021.

MCCMAHON, Darrin M. **Uma história da felicidade**. Filosofia na Escola. Disponível em: <https://filosofianaescola.com/viver/a-historia-da-felicidade/>. Acesso em: 28 maio. 2024.

MENEZES, Pedro. **A Origem da Filosofia**. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/origem-filosofia/>. Acesso em: 29 mar. 2024.

MENEZES, Pedro. **Filósofos Pré-Socráticos**. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/filosofos-pre-socraticos/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

MINOIS, Georges. **A Idade de Ouro: história da busca da felicidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PINSKY, Jaime. **As primeiras civilizações**. São Paulo: Editora Contexto, 1988.

POE, Edgar A. **The masque of the red death**. Mahwah, N.J.: Troll Associates, 1982.

RAHMAN, S. A., ST HILAIRE, M. A., & LOCKLEY, S. W. **The effects of spectral tuning of evening ambient light on melatonin suppression, alertness and sleep.** 2017. *Physiology & Behavior*, 177, 221-229.

RODIN, Auguste. **O Pensador.** Escultura, 1880. Localização: Museu Rodin, Paris, França.

STEARNS, Peter N. **História da felicidade.** São Paulo: Editora Contexto, 2022.

VANDWALLE, G., MAQUET, P., & DIJK, D. J.. **Light as a modulator of cognitive brain function.** 2009. *Trends in Cognitive Sciences*, 13(10), 429-438.

VIOLA, A. U., JAMES, L. M., SCHLANGEN, L. J., & DIJK, D. J. **Blue-enriched white light in the workplace improves self-reported alertness, performance and sleep quality.** 2008. *Scandinavian Journal of Work, Environment & Health*, 297-306.

WAN, Lisa. **Book review:** Before the coffee gets cold by Toshikazu Kawaguchi. [s.l.]. Disponível em: <https://lisa-wan.medium.com/book-review-before-the-coffee-gets-cold-by-toshikazu-kawaguchi-5d94f07c0a26/>. Acesso em: 27 abr. 2024.